

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)
CAMPUS DE NOVA ANDRADINA (CPNA)
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NAYARA QUEIROZ MACHADO DA SILVA

**CARPIR O MATO E FAZER ACONTECER: NOVA ANDRADINA-MS COMO
EPICENTRO DO MOVIMENTO *HIP-HOP* DO ESTADO DE MATO GROSSO DO
SUL**

NOVA ANDRADINA-MS, 2023

NAYARA QUEIROZ MACHADO DA SILVA

**CARPIR O MATO E FAZER ACONTECER: NOVA ANDRADINA-MS COMO
EPICENTRO DO MOVIMENTO *HIP-HOP* DO ESTADO DE MATO GROSSO DO
SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de nota para obtenção do título de graduada em Licenciatura no Curso de História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Nova Andradina-MS (CPNA).

Orientador: Dr. Eduardo Martins

NOVA ANDRADINA-MS, 2023

TERMO DE APROVAÇÃO

NAYARA QUEIROZ MACHADO DA SILVA

**CARPIR O MATO E FAZER ACONTECER: NOVA ANDRADINA-MS COMO
EPICENTRO DO MOVIMENTO *HIP-HOP* DO ESTADO DE MATO GROSSO DO
SUL**

COMISSÃO EXAMINADORA

Doutor EDUARDO MARTINS

Presidente:

Doutora Silvana Colombelli Parra Sanches

Arguidora I:

Doutora Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski

Arguidora II:

Nova Andradina-MS, 15 de dezembro de 2023.

DEDICATÓRIA

Ana Carolina Xavier, Cristiano Alex, Fernando Gomes, Junior Lima, Kaique Moura, Márcio Cavalcante, Rafael Vasconcellos. Com muita gentileza, emoção e carinho cederam suas memórias, lembranças e uma parte significativa das suas histórias. Dedico esta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Pública, gratuita e de qualidade, a qual me ensinou a questionar o mundo e me possibilitou enxergar além da montanha; ao curso de licenciatura em História da UFMS campus de Nova Andradina, que me proporcionou encontros memoráveis, vínculos duradouros, e sentimento de pertencimento na Educação – sentir-me útil e necessária para cooperar na transformação do mundo. Agradeço a todos os/as docentes pela paciência, auxílio, e compartilhamento dos seus saberes que me capacitaram para a conclusão de uma etapa tão importante na minha vida.

Agradeço especialmente aos seis colaboradores e uma colaboradora que cederam suas memórias e lembranças de um processo tão importante no município de Nova Andradina-MS. O *hip-hop* é o meu estilo de vida, que colaborou na construção de quem eu sou hoje, então, é com muita alegria que agradeço aos/às entrevistados/as por possibilitarem o desenvolvimento de uma pesquisa tão importante para mim. Sem vocês, esta pesquisa não existiria, portanto, registro-os/as nominalmente como forma de imensa gratidão e admiração: Fernando Gomes Gonçalves de Moraes, Eidinaldo Junior de Oliveira Lima, Rafael Vasconcellos da Silva, Ana Carolina Xavier Vieira, Kaique Moura da Silva, Cristiano Alex da Silva e Márcio Henrique Oliveira Cavalcante.

Faço um agradecimento especial ao professor doutor **Eduardo Martins**, que abriu suas portas para essa orientação segura e competente; colocando à minha disponibilização textos, arquivos, documentos e demais referenciais teóricos e metodológicos, além das inúmeras correções pertinentes a um texto acadêmico científico. Muito obrigada.

Por fim, agradeço aos meus amigos e amigas e à minha família que colaboraram para que a trajetória fosse menos árdua.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS	5
SUMÁRIO.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
LISTA DE QUADROS	8
RESUMO.....	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
1. A HISTÓRIA LOCAL E ORAL COMO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO	13
2. DO BRONX AO BRASIL: A HISTÓRIA DO MOVIMENTO <i>HIP-HOP</i>	17
3. MOVIMENTO <i>HIP-HOP</i> EM NOVA ANDRADINA-MS: REFLEXÕES	25
4. ENTREVISTAS	30
4.1 – Fernando Gomes Gonçalves de Moraes (<i>BBOY</i>) – <i>BREAK DANCE</i>	30
4.2 – Edinaldo Junior de Oliveira Lima (<i>BREAK DANCE</i>) <i>BBOY</i>	33
4.3 – Rafael Vasconcellos da Silva (<i>GRAFITEIRO</i>) E <i>BBOY</i>	36
4.4 – Ana Carolina Xavier Vieira (<i>BREAK DANCE</i>) <i>BBGIRL</i>	40
4.5 - Kaique Moura da Silva (<i>MC – RAP</i>).....	42
4.6 – Cristiano Alex da Silva (<i>DJ</i>).....	47
4.7 – Márcio Henrique Oliveira Cavalcante (<i>MC – RAP e DJ</i>).....	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6. REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO 1 - CARTAS DE CESSÃO	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A artista de <i>Hip-Hop</i> Sharylaine	22
Figura 2 – O presidente Lula (PT) com o ministro da Cultura Gilberto Gil, MV BILL, Thaide & DJ Hum, o dançarino de <i>break</i> Nelson Triunfo.	24
Figura 3 – Fernando Gomes, em 2022	30
Figura 4 – Eidinaldo Junior Lima, em 2023	33
Figura 5 – Rafael Vasconcellos, em 2021	36
Figura 6 – Grafite Bomb (estilo de letra garrafal) – LOCAL: pista de <i>skate</i> da Praça da fogueira, Nova Andradina-MS.	38
Figura 7 – Grafite Persona (persona é a expressão artística para pessoa) – Local: pista de <i>skate</i> da Praça da Fogueira, Nova Andradina-MS	38
Figura 8 – Ana Carolina Xavier, em 2022	40
Figura 9 – Kaique Moura, em 2023	42
Figura 10 – Cristiano Alex, em 2022	47
Figura 11 – Márcio Henrique, em 2017	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os elementos que o compõem o <i>hip-hop</i> historicamente.....	17
--	----

RESUMO

O presente estudo de conclusão de curso (TCC), em formato monografia, resulta de estudos feitos por meio de leituras teóricas e entrevistas orais. A pesquisa aborda a história do movimento *hip-hop* em Nova Andradina, utilizando-se da história local e oral como metodologia, destacando seu papel na formação de identidades e preservação de memórias, explorando seu desenvolvimento em diferentes temporalidades, e seus desdobramentos no Brasil. A história local e oral como campos teóricos-metodológicos são ferramentas essenciais para compreender a história do movimento *hip-hop* em Nova Andradina-MS, tema central deste trabalho, por meio das sete entrevistas realizadas com artistas atuantes da cultura *hip-hop*, os quais rememoram o processo de desenvolvimento deste movimento sociocultural no município e suas principais dificuldades em produzir cultura de rua, bem como suas satisfações fazê-lo.

Palavras-chave: Movimento *hip-hop* em Nova Andradina-MS. História Local. História Oral.

ABSTRACT

This course completion study (TCC), in monograph format, is the result of studies carried out through theoretical readings and oral interviews. The research looks at the history of the hip-hop movement in Nova Andradina, using local and oral history as a methodology, highlighting its role in the formation of identities and the preservation of memories, exploring its development in different temporalities, and its developments in Brazil. Oral history and local history as theoretical-methodological fields are essential tools for understanding the history of the hip-hop movement in Nova Andradina, the central theme of this work, through the seven interviews conducted with artists active in hip-hop culture, who recall the process of development of this socio-cultural movement in the municipality and its main difficulties in producing street culture, as well as their satisfactions in doing so.

Keywords: Hip-Hop movement in Nova Andradina-MS. Local history. Oral History.

INTRODUÇÃO

É pertinente preceder a explicação central deste estudo com uma breve conceituação do termo cultura, uma vez que a questão central a ser abordada nesta pesquisa é essencialmente esse componente sociocultural.

Para isso, utilizaremos a definição de cultura adotada pela ciência de fronteira, Antropologia, mais especificamente, o antropólogo Roque de Barros Laraia em seu manual “Cultura: um conceito antropológico” (2001), destaca o conceito antropológico de cultura, inicialmente relacionado ao termo germânico "Kultur" e à palavra francesa "civilization". Esses termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocábulo inglês "culture", abrangendo conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e hábitos adquiridos pela pessoa como membro de uma sociedade. Laraia ressalta que o conceito de cultura passou por redefinições ao longo dos estudos sobre comportamentos sociais. Enfatiza que o homem é moldado pelo meio cultural em que é socializado, sendo herdeiro de um processo acumulativo refletindo conhecimentos e experiências de gerações anteriores. A manipulação criativa desse patrimônio cultural possibilita inovações e invenções, destacando que estas resultam do esforço coletivo de uma comunidade, não sendo produtos isolados de um único gênio (LARAIA, 2001, apud. ARAÚJO, 2022, p.12).

Para além da definição pertinente e clássica de Laraia, acima citado, a antropologia e a sociologia trazem à baila novas perspectivas acerca do conceito de cultura referindo a esse termo como fenômeno “híbrido”, dado que ele se refere às identidades e esse fenômeno é uma construção sempre mutante que leva em consideração a relação com o outro (a) e a sua descentralização; desde o Renascimento que propôs a figura do Homem ontológico e universal- na clássica e bela imagem do “Homem Vitruviano” (1490) de Leonardo da Vinci, posteriormente René Descartes, aponta para outro tipo de homem racional, aos poucos a figura central do homem, se queda, enquanto ser coletivo total, ao colocar – pelas feministas do século XX, a questão do gênero em pauta e da mulher na centralidade da vida social e civil. (HALL, 2022). Desta feita a cultura na pós-modernidade (meados do XX), segundo Hall (id.) permeada pelo fenômeno da globalização, diásporas migratórias, e os inúmeros movimentos identitários fazem dispersar o velho conceito de cultura fixo e extático que a sociologia de início do século XX apresentava e abandonam a ideia patriarcal de que a palavra homem seria representativa da humanidade.

O *hip-hop*, como expressão cultural, busca a apropriação dos espaços públicos, incluindo regiões nobres e centrais da cidade. Segundo Tricia Rose (1997 apud. LOURENÇO, 2010, p.5), seus praticantes reinterpretem a vida urbana por meio da dança, RAP e estilo, marcando sua presença simbólica. O grafite é utilizado para reivindicar territórios, enquanto os *Bboys* transformam as ruas em palcos. Os *DJ's* iniciam festas nas ruas, convertendo-as em centros de livre expressão. O *hip-hop*, considerado uma cultura de rua, vai além do artístico, envolvendo ações comunitárias e políticas. Funciona como uma intervenção político-cultural, promovendo encontros de jovens para discutir questões sociais e políticas. Essa cultura representa uma forma não tradicional de fazer política, evidenciando as contradições e estreitando o espaço público urbano.

Este Movimento enraizado na periferia torna-se uma voz que critica o cotidiano, promovendo uma intervenção político-cultural significativa (LOURENÇO, 2010, p.5-7). Para a geógrafa Jamila Reis Gomes, em entrevista ao jornal “Estadão”, a cultura de rua vem dos guetos, da periferia, e surge a partir da vontade de transformação, de agregar sentido à vida e ter a possibilidade para construir caminhos diversos da vida (VELOSO, 2022).

O presente trabalho entrevistou sete pessoas, utilizando o componente metodológico da história oral a partir da história local, compreendendo o sujeito e sua relação com a região em que vive. No intuito de captar o desenvolvimento do processo de constituição do *hip-hop* em Nova Andradina-MS, foram entrevistados artistas dos quatro elementos do *hip-hop*: o RAP (os MC's do ritmo e poesia), o Grafite, a Mixagem (DJ's), e o *Street Dance* (Bboy's). Fernando: *bboy (break dance)*. Junior: *bboy (break dance)*, Rafael: grafiteiro (grafite) e *bboy*, Ana Carolina: *bgirl (break dance)*. Kaique: *MC (Rap)*, Cristiano: *DJ* e Márcio: *MC (Rap)* e *DJ*.

A partir de perguntas estratégicas, a pesquisa busca compreender a forma como se deu o primeiro contato dos artistas com os elementos do *hip-hop*, o que produzem(iam), quais as dificuldades para se iniciarem e se manterem no movimento, sua análise sobre o cenário atual do *hip-hop* no município de Nova Andradina-MS, e finaliza com o colaborador participante explicando o que essa cultura significa em sua vida.

1. A HISTÓRIA LOCAL E ORAL COMO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A história local é uma prática de pesquisa muito antiga no Ocidente. Inicialmente, esta explorava a história das famílias, feudos, paróquias e regiões, com temáticas e especificidades variadas conforme a região geográfica, desempenhando o importante papel de formação de identidades e preservação de memórias coletivas (DONNER, 2012, p. 223).

Na Inglaterra, os estudos de genealogia são bastante explorados e ocupam espaço considerável na construção da história da região. Os países do Leste Europeu, por sua vez, após o Comunismo, têm os seus livros de história local como ferramentas que auxiliam na construção de uma coesão social. Com isso, é notável que os livros e monografias resultantes dessas pesquisas desempenham um papel significativo nas escolas, festas e celebrações regionais, que muitas vezes mantêm mitos de fundação das cidades e povoados (DONNER, 2012, p.223-224).

A história local acadêmica, inspirada pelas correntes historiográficas do século XX, busca compreender como as comunidades enfrentaram seus desafios cotidianos. No entanto, é importante evitar a simplificação de transformar o local em um campo de testes para a história nacional (id., ibid. p.224).

Sandra Donner (2012) apresenta em seu artigo diversas práticas de história local, postulando que este gênero, quando realizada por amadores, explora as especificidades de uma região, etnia, ou comunidade, com ênfase na relação do pesquisador com a comunidade ou seu objeto de pesquisa, assim como é feita na produção acadêmica de história local. A problemática da produção amadora da história local está na não utilização de métodos, principal ponto que a difere da escrita acadêmica. Não direcionada à academia, a História Local tem como seu primeiro leitor a comunidade local.¹

Ainda de acordo com as reflexões propostas pela autora supracitada, a história local tem aumentado ao longo das décadas, seja por razões nostálgicas, pela busca por um sentimento de pertencimento, ou por interesse turístico, sendo produção acadêmica ou amadora. Em primeiro momento, o estudo da história local era

¹ Empiricamente é o que vemos nas histórias produzidas por moradores locais que possuem a veia literária e se debruça sobre assuntos peculiares de uma dada região, ou localidade; são advogados, policiais, juizes, professores [não historiadores (as)], mas, sobretudo; os jornalistas dizem sobre temas diversos do cotidiano ou da memória: futebol, tempos do passado, política, arte, peculiaridades da localidade, entre tantos assuntos. É o que chamamos de diletantismo, ou pastiche.

acessível apenas aos nobres e letrados, no entanto, com a difusão de revistas e programas de televisão, houve uma crescente valorização pela história local (id., *ibid.*, p.225). Todavia, a produção da história local está para além das motivações reducionistas explicitadas pela autora Sandra Donner. Para Núncio Santoro Constantino (2004, apud. OMAR, 2022, p.42), a importância da história local é indispensável à construção da identidade do ser humano, ao mesmo tempo em que permite conhecer o processo histórico local e regional, satisfazendo as necessidades humanas em compreender, diretamente, o que está relacionado à nossa vida social, econômica e cultural.

No intuito de explicar esse aumento, Donner (2012) menciona teóricos como François Hartog e Andreas Huyssen, esta argumenta que a crescente valorização da memória e da história está relacionada a mudanças na temporalidade devido à tecnologia, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global. Hartog sugere que a busca pelo patrimônio e pela história local é uma necessidade de identidade, sobretudo em áreas periféricas.

Segundo Donner (*id. ibid*) uma das grandes questões que perpassam a história local são as diferentes maneiras de especificar seus autores, pois alguns são considerados historiadores diletantes, outros amadores, intelectuais, pessoas letradas com interesse em pesquisar a história dos seus familiares ou comunidade, ou então, memorialistas. O pesquisador diletante, por mais que seja referência na pesquisa de recortes locais devido a sua aproximação com a sua fonte e objeto de estudo, não tem as suas obras reconhecidas como obras historiográficas pela comunidade acadêmica.

Por sua vez, os historiadores profissionais são aqueles que possuem formação acadêmica e seguem um método de pesquisa, sendo reconhecidos pela comunidade acadêmica. Já os memorialistas não produziram histórias, mas, sim, memórias. O memorialista analisa “a história como fruto de uma operação racional, e a memória como resultado da experiência” (DONNER, 2012, p.227), sem seguir métodos ou procedimentos científicos.

Enquanto há diversas formas de nomear os pesquisadores de História Local, Sandra Donner (2012) cita a definição do que é um texto histórico segundo Michel de Certeau: um texto histórico é a aplicação de métodos científicos, a exploração de perspectivas diferentes, a redefinição de um documento ou do seu uso, ou uma nova interpretação do objeto de estudo. A produção de um texto histórico representa uma ação inserida em um conjunto de práticas contemporâneas. Esse conjunto de práticas

combina-se e constroem, em determinado momento, a História. Para que uma obra de História seja conhecida como tal, precisa ser reconhecida dessa forma pelos seus pares.

A necessidade de aprofundar a reflexão sobre a história local no Brasil é evidente, tanto como área de estudo (o que está sendo produzido nesse campo? Que aspectos do passado estão sendo abordados?), quanto como prática (quem são os pesquisadores envolvidos? Quais são seus objetivos?). Para Sandra Donner, entre os entusiastas amadores, muitas pequenas editoras publicam extensivamente obras que retratam a história de praticamente todas as cidades do Rio Grande do Sul. Uma característica notável desses trabalhos de memória local é o uso de linguagem mais acessível e uma abordagem narrativa que atrai um público mais amplo, aproximando-se mais do gênero de romance histórico e da literatura do que dos padrões acadêmicos de escrita histórica (id., *ibid.*, p.230).

Diz Donner (2012, p.230) que outro estilo de história local é a financiada pelas prefeituras e entidades públicas, realizadas pelas secretarias do setor cultural dos municípios, que apesar de utilizarem fontes oficiais, não possuem um olhar crítico para a construção das mesmas, apropriam-se de memórias sem refletir as implicações do que está sendo estudado. Essas produções têm o intuito de reconstruir a história oficial dos municípios; via de regra, falar dos “pioneiros”.

Além de pensar a história local, é necessário refletir sobre a região em que a história se passa, visto que ao estudar o indivíduo é imprescindível estudar a sua relação com o espaço em que vive, pois, esse processo é essencial à construção da identidade do ser humano. Tratando-se do Brasil e seu extenso território, compreendemos o quanto essa relação é importante, uma vez que cada região terá a sua singularidade, e não a levar em consideração é cooperar para o apagamento da diversidade histórica, social e cultural do Brasil (id., *ibid.*, p.231).

Devido ao crescente interesse pelo turismo histórico no Brasil, historiadores e historiadoras que receberam formação acadêmica encontram oportunidades de emprego em museus municipais, bem como na concepção e administração de centros históricos, rotas turísticas e arquivos locais. Esse trabalho desempenha um papel fundamental, pois a aplicação de métodos e critérios da prática historiográfica em pesquisas de história local eleva a qualidade desse trabalho local. Contudo, é importante evitar explicações simplistas e a abordagem comemorativa, que pode ser

explorada com fins políticos por prefeituras e organizações locais (DONNER, 2012, p.233).

A metodologia utilizada nesta pesquisa utiliza a história local como ferramenta essencial para compreendermos o contexto histórico do movimento *hip-hop* em Nova Andradina, juntamente com a história oral, método fundamental para compreender os processos a partir daqueles que fizeram parte dessa construção. Para isso, também se faz necessário uma breve explanação sobre esse tipo de fazer como campo teórico-metodológico do constructo da história.

Para embasar essa explanação, Maria Cristina Santos de Oliveira Alves explica a importância da história oral como metodologia, e inicia o seu artigo citando Edward Palmer Thompson, o qual denota a importância do tipo de fazer em devolver a história às pessoas que a vivenciaram, contribuindo para a construção da mesma em suas próprias palavras. E ao devolver o passado a essas pessoas, possibilita a autonomia delas em construir um futuro por elas mesmas (THOMPSON, 1998, apud. ALVES, 2016).

Alves aborda a importância da história oral como abordagem qualitativa na pesquisa, destacando a visão de González Rey, psicólogo cubano residente no Brasil, sobre o diálogo constante entre pesquisador e pesquisado (GONZÁLEZ REY, 2002, apud. ALVES, 2016, p.2). Para abranger a discussão, conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa enfatiza a descrição, indução e estudo das percepções pessoais, ampliando o foco além de variáveis e estatísticas, destacando as perspectivas dos sujeitos (ALVES, 2016, p.2).

A abordagem da história oral busca realizar uma escuta sensível aos sujeitos excluídos, promovendo reflexões e mudanças ao inserir tais vozes na história oficial. Para que a entrevista seja bem-sucedida em buscar ouvir e registrar a história a partir dos sujeitos invisibilizados, a relação entre pesquisador e pesquisado é deveras importante, com capacidade de escuta ativa, compreensão e respeito.

A rememoração, segundo essa perspectiva é vista como um processo que exige reflexão e reelaboração do passado, proporcionando uma compreensão mais profunda do período histórico. Portanto, a história oral é uma abordagem valiosa para a pesquisa qualitativa, proporcionando uma compreensão mais rica e contextualizada da formação histórica do movimento *hip-hop* no município de Nova Andradina-MS, destacando a importância do diálogo, da entrevista e da rememoração como elementos fundamentais dessa metodologia.

2. DO BRONX AO BRASIL: A HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP-HOP

Como já evidenciado, esta pesquisa tem como objetivo central estudar a manifestação artística *hip-hop*, para melhor compreensão da construção deste movimento no Brasil, e mais especificamente no município de Nova Andradina-MS – localidade em que a pesquisa se debruça e analisa. Para isso, pretendo analisar o panorama histórico que envolve o movimento *hip-hop* até a sua inserção no Brasil, tendo como texto base a leitura e análise da dissertação de mestrado de Rogério Leão Ferreira “Riscando Fósforo: Decolonialidade e *Hip-Hop* na Produção Artística de Djonga” (2021), e como forma de abranger a fonte bibliográfica, a pesquisa também utilizará a obra “Se Liga no Som” (2015) produzida por Ricardo Teperman, respaldando a análise na história local e história oral como campos teórico-metodológicos para compreensão do objeto de estudo.

O *hip-hop* é um movimento social constituído pela união de cinco manifestações culturais, e se constitui como movimento no Bronx, distrito da cidade de Nova York, nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 1960.

QUADRO 1 - Os elementos que o compõem o *hip-hop* historicamente

1) <i>RAP</i> , manifestação musical representada pelo <i>MC (Emcee)</i> e abrevia a expressão em inglês “ <i>Rhythm And Poetry</i> ”;
2) <i>DJ</i> , responsável pelas técnicas de mixagem que caracterizam o estilo musical do <i>hip-hop</i> ;
3) <i>Break Dance</i> , dança urbana e de rua que acompanha o <i>MC</i> e o <i>DJ</i> ;
4) Grafite, arte urbana que ocupa locais públicos;
5) Conhecimento, refere-se à consciência social dos jovens engajados no movimento <i>hip-hop</i> . (TEPERMAN, 2015, <i>apud.</i> FERREIRA, 2021, p.35)

Quadro organizado pela autora: (SILVA, 2023).

Após seu surgimento nas periferias de Nova York, o *hip-hop* se difundiu para fora dos Estados Unidos da América (EUA), através de meios tecnológicos que facilitaram essa dispersão. E durante essa difusão, a *Zulu Nation*, primeira ONG ligada ao *hip-hop*, teve importante papel na promoção dessa cultura. Instituída por Afrika Bambaataa, um dos precursores do movimento, colaborou para a consolidação e oficialização do *hip-hop* como um movimento sociocultural em 12 de novembro de 1973 (ZULU NATION, 2017, *apud.* FERREIRA, 2021).

É de suma importância mencionar a considerada “mãe do *hip-hop*”, também semeadora do movimento, Sylvia Robson, mulher negra, cantora, musicista e produtora, produziu o primeiro *single* de sucesso no *hip-hop* “*Rapper’s Delight*”, e fundou a gravadora *Sugar Hill Records* em 1979 (SANTOS, 2019, p.3). Embora Sylvia

tenha desempenhado papel fundamental na consolidação do movimento *hip-hop*, seu nome quase não aparece quando pontuados os criadores e difusores do *hip-hop*.

A primeira manifestação artística a ser reconhecida como um dos elementos estruturantes do movimento *hip-hop* foi o *RAP*, o qual em dicionários em inglês, recebe o significado de “bater e criticar” (TEPERMAN, 2015, apud. FERREIRA, 2021, p.36). E a partir desta expressão, é possível vislumbrar o caráter social do movimento, que parte do embasamento de suas letras críticas contra as desigualdades presentes na sociedade, sejam econômicas, raciais ou sociais. Rogério Ferreira (2021) percebe que o *RAP*, expressão musical que originou o *hip-hop*, pode ter surgido da hibridização ou incorporação dos cânticos da África Central na década de 1950, na cultura jamaicana. Por isso, apesar do título desta seção ser do “Bronx ao Brasil: a história do movimento hip-hop”, Teperman (2015) defende a ideia de que as narrativas sobre o surgimento do *hip-hop* são mitos. O mito mais frequente é que ele tenha surgido no Bronx, mas outras narrativas defendem que o *hip-hop* surgiu nas savanas africanas, em narrativas dos sábios *griôs*². No entanto, apesar das narrativas incertas, o *RAP* como estilo musical consolidado se deu na periferia de Nova York (FERREIRA, 2021, p.36).

A consolidação do *RAP* na periferia de Nova York começou a partir de eventos que aconteciam nas ruas e eram organizados e frequentados principalmente por jovens negros que exerciam suas expressões artísticas. A partir desses encontros, o que surgiu como forma de lazer, começou a acrescentar motivações políticas, econômicas e sociais em suas formas de expressão – o que colaborou para levar adiante a luta da população negra por direitos civis (FERREIRA, 2021, p.36). Compreender essa relação do *RAP* e, posteriormente, do *hip-hop* com as lutas do povo negro é reconhecer que a sua origem partiu do povo negro e, quando é feita principalmente pela população marginalizada, não há como não ter essas questões e reivindicações presentes nas expressões musicais e artísticas do *hip-hop* e da cultura de rua.

O *RAP* sofreu diversas influências musicais até a sua consolidação como manifestação artística. Inicialmente, teve a influência do *Black Music* dos EUA, do *Soul* – estilo musical proveniente da união do Gospel com o *Rhythm and Blues* –, assim

² Griôs ou Mestres(as) são pessoas reconhecidas, pela sua comunidade, como herdeiros(as) dos saberes e fazeres da tradição oral. Disponível em: [https://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/#:~:text=Gri%C3%B4s%20ou%20Mestre\(a\)%20%C3%A9,e%20afetiva%20da%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral](https://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/#:~:text=Gri%C3%B4s%20ou%20Mestre(a)%20%C3%A9,e%20afetiva%20da%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral). Acesso em 18 dez, 2023.

como do gênero musical *Funk*. E surgiu em um ambiente violento, contextualizado pela ausência do Estado e pelo descaso e abandono das autoridades estadunidenses, com a presença de guerras brutais entre gangues dos EUA (FERREIRA, 2021, p.37). Com isso, é interessante citar a atemporal fala do *rapper* GOG, um dos pioneiros do *hip-hop* no Brasil, o qual afirma que o *hip-hop* surgiu no “enfrentamento ao caos urbano” (ALVARENGA, 2022).

No contexto violento em que Nova York estava inserida, o bairro do Bronx era considerado um “barril de pólvora”, e em meio à sobrevivência da população negra e pobre mediante a ausência do Estado, a música e os carros equipados com *sound systems* surgiram criando um ambiente festivo na periferia nova iorquina. Os responsáveis pelo som se inspiravam nos *disc jockeys (DJ)* dos programas de rádios, e através do *Grand Master Flash (DJ)*, foi sistematizada a “volta do disco”, e posteriormente, a técnica do arranhão conhecido como *scratch*, uma das marcas registradas do *RAP* (FERREIRA, 2021, p.38) e muito difundida no Brasil pelo KL Jay, DJ do grupo Racionais MC's.

Enquanto os *DJ's* tocavam, exerciam a função de “*toast*” (em inglês – “brindar”). Segundo Teperman (2015, apud. FERREIRA, 2021, p.38-39), os discursos dos *toasters* eram improvisados e marcados por difamação e imoralidade, nem sempre eram homenagens como o termo sugere. Esses improvisos ficaram conhecidos como um estilo dentro do gênero musical *hip-hop*: o *freestyle*. Pelo que a própria palavra remete, é um estilo de rima livre, a partir do improvisado. O *freestyle* é muito presente no movimento *hip-hop*, principalmente em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras, as quais têm duelos de *freestyle* consolidados, hoje conhecidos como Batalhas de Rima ou Duelos de *MC's*.

Como dito anteriormente, o *hip-hop* é formado por cinco elementos, e enquanto os *DJ's* tocavam, os jovens da periferia os acompanhavam dançando com o *break dance*, manifestação artística já utilizada como forma de protesto contra a guerra do Vietnã na década de 1960 (FERREIRA, 2021, p.39). Segundo Marcos Fochi (2007, apud. FERREIRA, 2021, p.39), os passos da dança *break* simulavam movimentos e instrumentos de guerra. E, ainda sobre o autor, o mesmo considera a dança como ferramenta para acabar com a violência entre as gangues norte-americanas. As disputas entre as gangues se tornaram batalhas de *break dance* nos eventos de rua.

Por sua vez, o grafite surgiu, posteriormente, para demarcar e diferenciar o território das gangues. Esses elementos surgem, portanto, como alternativas à

violência presente nas periferias dos EUA. Através de manifestações artísticas, demonstravam sua presença nos grupos sociais e difundiam a cultura de rua. O grafite pode ser considerado como uma comunicação pública acessível a todos, uma forma de diálogo com a pessoa contemporânea (FERREIRA, 2021, p.39-40) e a resistência em se fazer visto por um Estado que se empenha em invisibilizar a população negra e periférica.

Rogério Ferreira (2021) rememora em sua tese, o ato do prefeito do município de São Paulo, João Dória, em 2017. Neste ato, João Dória utilizando-se da Prefeitura Municipal, removeu os grafites na Avenida 23 de maio, e no famoso Beco do Batman. As paredes tão coloridas e expressivas tornaram-se cinza. A Prefeitura de São Paulo foi autuada a pagar uma indenização de R\$ 782.300,00 devido ao dano ao patrimônio cultural. Este é apenas um dos exemplos de como o Estado em sua vertente de direita mais conservadora, tenta negar a cultura de rua, a cultura *hip-hop*, principalmente a de matriz negra e periférica. Não obstante, ela existe e resiste, apesar deles.

Após a consolidação dos elementos do *hip-hop* nos EUA, esse tipo de manifestação popular se difundiu para o mundo através da indústria fonográfica e dos avanços tecnológicos. Os discos de *RAP* em vinil ou em fitas cassetes foram essenciais para a difusão dessa cultura para o mundo todo (TEPERMAN, 2015, apud. FERREIRA, 2021, p.41).

A partir da circulação do *hip-hop*, a forma de dançar, desenhar e se vestir também passou a ser difundida, principalmente através das capas de discos, de filmes ou videoclipes (FERREIRA, 2021, p.42). O estilo de vida *hip-hopper* passou a conquistar o mundo e chegou ao Brasil marcando presença na Estação São Bento do metrô em São Paulo, considerada berço do *hip-hop* no país, nos idos de 1985.

O *hip-hop* no Brasil teve origem durante o mesmo período em que o movimento começou nos Estados Unidos, ganhando visibilidade nos bailes *black* frequentados por amantes da *Black Music*. Nelson Triunfo, considerado o pai do *hip-hop* brasileiro, destaca a transição do *Soul* para o *hip-hop*, sendo o *break dance* um elemento crucial para o surgimento do movimento. Inspiradas no movimento negro dos EUA, equipes de som organizaram bailes *black* nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro durante as décadas de 1970 e 1980, proporcionando lazer e encontros para jovens em meio à ditadura e à repressão policial. Estes eventos, vistos como resposta ao racismo, destacavam a cultura negra em todos os aspectos, desde a moda até a atitude dos participantes. As rodas de *break dance* se tornaram marcos importantes,

especialmente na rua 24 de maio em São Paulo, desafiando tabus da ocupação das ruas. *Rappers* como Thaíde e X atribuem a Nelson Triunfo o papel de semeador do movimento *hip-hop* no Brasil, que se expandiu nacionalmente, incorporando letras que retratavam o cotidiano nas favelas e fortalecendo um intenso apelo comunitário (FERREIRA, 2021, p.45-50).

Ressaltamos aqui, para fins dessa pesquisa e temática sensível, que a primeira pessoa a fazer *rap* no Brasil, foi uma mulher; Sharylaine, mulher negra, cantora, compositora, e, em 1986, criou o *Rap Girls*, primeiro grupo de *rap* feminino no país (SANTOS, p.4). Embora o protagonismo na difusão seja concedido a Nelson Triunfo, as mulheres tiveram papel essencial no desenvolvimento do *hip-hop*. O mesmo que ocorre com Sylvia Robson, ocorre com Sharylaine no Brasil, principalmente pela cultura *hip-hop* ser predominantemente masculina e masculinizada, uma tentativa de apagamento do protagonismo de mulheres é notável.

Advirto que a historiografia das Mulheres, a história de gênero, sendo cada vez mais produzidas e reproduzidas no seio das universidades, nos cursos de humanidades, vem derrotando a cada dia o patriarcado sexista, legado pelo tipo colonialista machista imposto à ferro no Brasil, pelas potências europeias.

FIGURA 1 – A artista de Hip-Hop Sharylaine



FONTE (ESTÉTICA DAS PERIFERIAS, 2013).³

No Rio de Janeiro, os bailes *black*, conhecidos como *Black Rio*, marcaram os jovens das periferias desde os anos 1970. Em São Paulo, equipes como “Os Carlos”, “Fórmula Um” e “*Black Mad*” organizavam festas na rua, com destaque para “Zimbabwe” e “*Chic Show*”, que chegaram a ter programas de rádio e realizar grandes eventos. O movimento nas periferias proporcionou encontros e trocas culturais, estimulando a disseminação de novidades sobre música e cultura negra. A dança *break* se popularizou, com Nelson Triunfo e o grupo “*Funk Cia*” se destacando na cena paulistana (TEPERMAN, 2015, p.26-27).

Segundo Teperman (2015), a estação São Bento do metrô, a partir de 1985, tornou-se o epicentro do movimento *hip-hop* em São Paulo, atraindo jovens de diversos bairros para rachas de *break dance*. O local se tornou um polo cultural do *hip-hop*, com diversas “gangues” formando suas identidades e contribuindo para a disseminação da cultura. A disseminação pelo “boca a boca” trouxe mais participantes, incluindo figuras conhecidas como Thaíde, DJ Hum e os grafiteiros “Os Gêmeos”, que nos encontros na estação São Bento começaram a ter contato com o grafite enquanto manifestação cultural de ocupação dos espaços urbanos. Essa fase

³ Disponível em <https://www.esteticasdasperiferias.org.br/2022/novidades/novas-carolinas-e-legal-ouvir-que-a-sharylaine-e-a-nossa-velha-guarda-do-hip-hop/>. Acesso em 20 mai, 2023. “Ser um dos principais nomes dos principais movimentos culturais no Brasil, construindo uma carreira que celebra e exalta a cultura periférica, principalmente a mulher negra, torna a rapper Sharylaine uma personagem necessária da série de perfis “Novas Carolinas”. Autora de clássicos do rap como: “Saudade”, “Poderosa”, “Mina”, “Missão” e “Livre no Mundo”, Sharylaine cresceu em universo repleto de arte e, especialmente, a música. Seu pai era membro de escola de Samba, a mãe fã de Elza Soares e um tio DJ. Porém, a transformação de uma ouvinte de música em uma artista não foi algo tão simples [...]” Recomendo leitura integral da matéria.

inicial refletiu uma forte conexão com a cultura norte-americana, antes de uma posterior politização das questões de identidade negra no *hip-hop* brasileiro.

São Paulo foi um catalisador importante para o *hip-hop* no Brasil, para Teperman (2015), contudo, afirmar que o *RAP* nacional se originou exclusivamente na cidade seria simplista. Diversas cidades brasileiras foram influenciadas pelos "cinco elementos" do *hip-hop* nas décadas de 1980, 1990 e 2000. A Central Única das Favelas (CUFA), fundada no Rio de Janeiro em 2000 por Celso Athayde, Nega Gizza e MV Bill, destacou-se como uma organização nacional com filiais em vários Estados. Entre 2000 e 2009, a CUFA promoveu anualmente o prêmio Hutúz, reconhecendo artistas e organizações *hip-hop* em nível nacional, incluindo categorias como Grafite, *Break* e o prêmio *hip-hop* Ciência e Conhecimento, destacando o "quinto elemento".

Teperman (2015), ao finalizar a sua explanação sobre o *RAP* em São Paulo, rememora quando MV Bill, líder da CUFA à época, organizou encontros entre líderes do *hip-hop* e o presidente Lula em 2004 (Partido dos Trabalhadores – PT), além de representantes de movimentos sociais dois anos depois. MV Bill, respeitado como MC, chegou a anunciar a criação de um partido político, o Partido Popular Para a Maioria (PPPomar), e considerou candidatar-se ao Senado, estabelecendo uma conexão incomum entre o *RAP* e a política partidária. Para o autor, as posses e a vertente politizada do *RAP* ganharam uma forma institucionalizada pela primeira vez naquele momento no Brasil.

Com isso, é de forma alegre que registramos nesta pesquisa que, em 2023, oito anos após a publicação da obra do Ricardo Teperman, o presidente Lula assinou o Decreto Nº 11.784, de 20 de novembro de 2023, o qual dispõe sobre as diretrizes nacionais para ações de valorização e fomento da cultura *Hip-hop* (BRASIL, 2023), estabelecendo conceitos, definindo e reconhecendo os elementos estruturantes da cultura *hip-hop*, como forma de valorizar, reconhecer, apoiar e incentivar a produção e difusão de ações culturais do *hip-hop*. O passo ainda é o primeiro de uma longa construção nacional de forma institucionalizada, mas o caminho é promissor para a cultura de rua, especialmente o *hip-hop*.

FIGURA 2 – O presidente Lula (PT), em 2004, com o ministro da Cultura Gilberto Gil, MV BILL, Thaide & DJ Hum, o dançarino de break Nelson Triunfo.



FONTE: (SUBMUNDODOSOM, 2023).⁴

⁴ Disponível em: <https://www.submundodosom.com.br/2018/04/lula-e-o-hip-hop.html>. Acesso em 23 mai, 2023. “No primeiro ano de mandato, Lula nomeou Gilberto Gil como Ministro da Cultura, e uma comitiva formada pelos maiores nomes do rap brasileiro, incluído DJ KL Jay, dos Racionais MC's, MV Bill, GOG e Rappin Hood foram até o Palácio do Planalto para trocar uma ideia com Lula e pedir um olhar especial sobre o Hip-Hop, além de mostra. O Rapper carioca MV Bill deu entrevista ao jornal Estadão, sobre esse encontro com o presidente, e disse: "Ele abraçou de cara o pedido de instalação de um grupo de trabalho dentro do governo para criar uma conexão direta com o hip-hop. Só o fato do Lula ter reconhecido o hip-hop antes mesmo de ser presidente já criou uma relação com a gente". Recomendo ler a matéria na íntegra.

3. MOVIMENTO *HIP-HOP* EM NOVA ANDRADINA-MS: REFLEXÕES

A presente pesquisa entrevistou sete artistas atuantes na cultura *hip-hop* em Nova Andradina-MS, com o objetivo de captar o desenvolvimento dessa cultura no município. O *hip-hop* é dividido em cinco elementos, como supracitados no Quadro 1 neste trabalho. Assim optamos em elaborar as entrevistas de modo que cada um dos participantes colaboradores refletisse sobre um dos elementos que compõem o *hip-hop*.

Nova Andradina é um município interiorano, localizado a 300km de Campo Grande capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Com população estimada em 45.599 habitantes, é conhecida como a “Capital do Vale do Ivinhema”, e recebeu o título de “Capital do Boi”, por ser um dos principais polos pecuários do Brasil (NOVA ANDRADINA, 2023). Destaca-se que a cultura de Mato Grosso do Sul seja marcada pela contribuição de diversos povos, no município de Nova Andradina predomina o estilo musical sertanejo, com relampejos de Rock, MPB e mais recentemente o RAP, que vem conquistando espaço entre a juventude nova-andradinense.

Em relação ao nosso objeto central de estudo optamos pelas entrevistas semiestruturadas conduzidas por quatro perguntas principais, podendo ser adaptadas ou reelaboradas dependendo do fluxo da conversa entre a entrevistadora e o(a) entrevistado(a). A primeira pergunta é de identificação, na qual o/a entrevistado/a fala seu nome completo, idade, onde nasceu e com o que trabalha artisticamente. A segunda pergunta tem como foco entender como o/a artista teve o seu primeiro contato com o *hip-hop*, ou com um dos elementos que o compõe. Mediante identificação e compreendendo como o/a entrevistado/a passou a conhecer a cultura *hip-hop*. A terceira pergunta questiona as dificuldades encontradas pelo/a artista para se inserir no movimento para além de apenas conhecer, mas começar a fazer parte da cultura *hip-hop*. Finalmente, a quarta e última pergunta o/a entrevistado/a pontua o que o *hip-hop* significa em sua vida, para que seja possível evidenciar que o *hip-hop* está para além de desempenhar funções, mas uma ferramenta de transformação social e um estilo de vida a ser seguido.

A partir das entrevistas realizadas, compreende-se que o primeiro elemento da cultura *hip-hop* a se popularizar em Nova Andradina-MS foi o *Break Dance*, a partir de 2002, quando diversos grupos de danças urbanas foram criados no município. Ao longo dos anos, através da ocupação das praças periféricas de Nova Andradina,

grupos como o “Requebra” e “Pânico”, foram os precursores da cultura *hip-hop*. Através deles, a dança se alastrou pela periferia novandradinense. Foi através do “Requebra” que a reconhecida “Companhia Storm de Dança” surgiu, após a mudança de nome que ocorreu em 2012 (Entrevista 1, 2023). Através do *Break Dance* e das danças urbanas que captavam cada vez mais integrantes, o movimento *hip-hop* começou a ganhar espaço e visibilidade – não apenas em Nova Andradina, mas em todo Estado de Mato Grosso do Sul.

O *hip-hop* em Nova Andradina possui um grupo idealizado e formado unicamente por mulheres. O grupo intitulado “*Art Femini*”, possui 15 integrantes e foi fundado por Karol Xavier em 2019 (Entrevista 4, 2023). Karol conta que o grupo nasceu pela pouca visibilidade que meninas e mulheres recebem ao produzir *hip-hop*, por isso, decidiu reunir o grupo para movimentar a cena e pautar o protagonismo de mulheres no cenário *hip-hop*.

Por sua vez, o *RAP*, elemento dentro do *hip-hop* produzido pelo *MC*, começou a ser desenvolvido apenas em 2012. Cristiano Alex (Entrevista 6, 2023), conhecido como Crizis, conta que se deparou com o *RAP* em Dourados/MS, quando prestigiou uma batalha de rima com os seus companheiros de banda convidados para tocarem em uma competição de *skate*. Após essa experiência, Crizis conta como ficaram animados com o que viram e começaram a se arriscar na cena através da rima e de músicas que o mesmo compunha (Entrevista 6, 2023). Também neste período, o Márcio Henrique mais conhecido por Shinigami ou Satsui, também compunha e começava a se arriscar como *beatmaker* (Entrevista 7, 2023). Crizis conta que além de cantar, passou a desempenhar a função de *DJ*, uma vez que para cantar, precisavam de *beats* (batidas) originais, portanto, na necessidade, passou a ser produtor musical. Com isso, nota-se que o elemento composto pelo *DJ*, começou a se desenvolver em Nova Andradina no mesmo período em que o *RAP* começou a ganhar força, com os *DJ*'s produzindo lado a lado com os *MC*'s. Crizis relata que fez parte do Cartola *MC*'s como *DJ*, entre 2014 e 2015.

Além do *RAP* começar a ocupar o seu espaço no cenário *hip-hop* enquanto produção de músicas individuais ou em grupo, a cena do *RAP* passou por um “*boom*” em 2018, quando Crizis, juntamente com outros artistas, criaram a Batalha das Águas, realizada até hoje na Praça das Águas, região central de Nova Andradina (Entrevista 6, 2023). A batalha de rima ganhou visibilidade e passou a ser uma valiosa ferramenta de captação de entusiastas da cultura *hip-hop*. Através das batalhas, muitos jovens

se descobriram *MC's* ou conheceram a cultura *hip-hop* e passaram a fazer parte dela. Atualmente, há a realização da Batalhas das Águas e *Valhalla Battle*, em praças centrais da cidade (Entrevista 6, 2023).

O grafite passa a ocupar os espaços públicos de Nova Andradina a partir de 2020. Rafael Vasconcellos, em 2020, coloriu o seu primeiro desenho na pista de *skate* localizada na Praça da Fogueira, região periférica de Nova Andradina. Embora já desenhasse desde criança, e já dançasse como *bboy* no grupo *Se Vira no Beat*, foi apenas em 2020 que, após muito estudo, começou a ocupar espaços públicos com os seus desenhos.

Através dos relatos obtidos, nota-se que o movimento *hip-hop* composto por todos os seus elementos é uma construção recente em Nova Andradina. Para Crizis, ainda falta mobilização para que a presença do RAP, do *Disc Jockey*, do grafite e do *Break Dance* sejam vistos como uma cena do movimento *hip-hop* no município (Entrevista 6, 2023).

Atualmente, Nova Andradina possui diversos artistas da cultura *hip-hop*. Tem como principais grupos de dança a Companhia *Storm* de Dança, os grupos *Se Vira no Beat* e o *Art Femini*. Possui a *Mamble Label* como *crew*⁵ ativa de *MC's*, e já possuiu a *crew* *Nóis é Parça ou Não é*, a qual o Crizis também fez parte como *DJ*. Apesar de possuir poucos grafiteiros, a cidade conta com o Rafael Vasconcellos e o novo grupo *The Dirty Fingers - TDF* (Os Dedos Sujos) que cooperam na transformação visual da cidade outrora tão cinza (GOMES, 2023).

Ao analisar a trajetória dos entrevistados, é visível a falta de apoio e investimento da Administração Pública para com os artistas do movimento *hip-hop*. Ao relatarem o início de cada um nessa cultura, nota-se a independência que precisaram para atingir seus objetivos. Foi na raça e com o auxílio da internet que eles aprenderam as técnicas que desempenham. Mesmo com a dificuldade e a falta de visibilidade por ser uma cultura marginalizada e periférica, o *hip-hop* transformou a vida de cada um dos entrevistados de maneira única, cooperando para o seu desenvolvimento humano, crítico e social. O cenário da cultura de rua e do *hip-hop* em Nova Andradina é promissor, e através de apoio do poder público ou não, ocupa cada vez mais espaço. É inegável que existe movimento *hip-hop* em Nova Andradina,

⁵ O termo “crew” possui tradução livre do inglês para “equipe”. O mesmo pode ser substituído pelo termo “squad” e interpretado como referindo-se a um grupo de amigos/as ou grupo de pessoas. (Definição da autora).

cada um dos seus elementos está representado no município, mas falta mobilização da classe para pautar as dificuldades e traçar os rumos dessa história. Em que momento a administração pública dará a atenção necessária para esses artistas?

Optei por não entrevistar algum atuante do quinto elemento “o Conhecimento”, pois este está sendo refletido por esta pesquisa. A compreensão dos processos do *hip-hop* é atrelada ao quinto elemento de forma que a reflexão é indissociável da produção, ou seja, ao refletir/estudar/aprender a cultura *hip-hop*, o quinto elemento está em ação e em produção. Portanto, esta pesquisa também reflete uma autobiografia enquanto pesquisadora e atuante no movimento *hip-hop* como produtora de conhecimento. E partindo desta posição, noto a dificuldade em produzir cultura de rua em Nova Andradina, principalmente enquanto mulher. A dificuldade concentra-se na falta de apoio e de políticas de fomento da cultura *hip-hop* pela Administração Pública, mas também reside na estrutura machista e masculinizada do *hip-hop*, que é formado predominantemente por homens. Foi necessário criar um grupo exclusivamente de mulheres para poder atingir certo protagonismo dentro do movimento em Nova Andradina, o que permite o questionamento de por que o cenário de *hip-hop* não é convidativo para as mulheres. Não foi possível identificar e entrevistar mulheres das outras manifestações culturais do *hip-hop* para além do *break dance*, pela ausência da presença das mesmas ou pela pouca idade que as novas entusiastas do movimento (maioria do *break dance*) possuem.

Considerando a necessidade de captar mais membros diversos para atuarem no movimento, há algumas sugestões que partem dos próprios entrevistados. Através da trajetória inicial do artista Challa, notamos a importância de se ter cultura de rua pautada nas escolas, seja por meio de atividades pedagógicas ou a discussão do tema (Entrevista 5, 2023). Fernando rememora a diferença em fazer parte da cultura de rua quando era motivada pelo departamento de cultura da cidade, o ânimo e incentivo eram maiores (Entrevista 1, 2023). Junior Lima pontua a importância de se ter profissionais do *hip-hop* compondo a gestão de poderes públicos, para que ações sejam direcionadas para essa área (Entrevista 2, 2023). As opções foram postas, quando essa necessidade será levada em consideração?

O *hip-hop* é local cultural e político, as ações e ausências das mesmas refletem os processos da sociedade, por isso, faz-se necessário refletir sobre medidas que fomentem e colaborem para a continuidade do *hip-hop*, preocupando-se com uma

inclusão diversa, enxergando o potencial desse cenário e reconhecendo o movimento sólido presente no município.

4. ENTREVISTAS

4.1 – Fernando Gomes Gonçalves de Moraes (*BBOY*) – *BREAK DANCE*

FIGURA 3 - Fernando Gomes, em 2022.



FONTE: (FERNANDO, 2023).

Entrevistadora: Eu quero que você comece falando o seu nome, sua idade, onde você nasceu e com o que trabalha artisticamente.

Entrevistado: Meu nome é Fernando Gomes, faço parte da “Companhia *Storm* de Dança” – *Cia Storm*, tenho 34 anos, trabalho com danças urbanas e sou produtor cultural também. Estou na cena *hip-hop* desde 2005, quando eu comecei a dançar. Desde 2002 eu acompanho a dança, porque na época tinham vários grupos de dança na cidade, cada bairro tinha um grupo e cada um torcia para o grupo do seu bairro. Na antiga “Praça Brasil” tinha um palco onde tinha várias apresentações culturais, principalmente de dança. Chamava “Cultura na Praça”, hoje não existe mais eventos realizados pela Prefeitura Municipal como esse.

Entrevistadora: Você fundou a “*Cia Storm*”?

Entrevistado: Não, a “*Cia Storm*” é um projeto do antigo “Requebra”, que foi referência na dança de Nova Andradina de 2004 a 2009, o seu fundador foi o Alcimar Rodrigues. Só mudamos o nome do grupo para “*Storm Crew*” porque nós vencemos uma competição de *hip-hop* em Campo Grande-MS em 2008 e ganhamos uma vaga para

o Brasília *Street Dance* em Santos, e nessa época nos aconselharam a mudar o nome do grupo, pois “Requebra” era um nome mais para um grupo de axé. A “*Storm Crew*” foi até 2012, e aí eu, o baixinho, o Rafael, o Juninho Lima e o Junior Souza, mudamos para o nome Companhia *Storm* de Dança e começamos a dar oportunidade de pessoas inexperientes entrar no grupo. A partir daí começamos a produzir festivais e espetáculos de dança, projetos sociais nas praças como o “Arte na Quebrada” e o “Vale das Ruas”, tudo isso no interior de Mato Grosso do Sul.

Entrevistadora: Como você se inseriu no movimento *hip-hop*, a partir do seu interesse pela dança?

Entrevistado: eu me inseri no movimento porque no meu bairro tinha um grupo de dança, como eu disse, e naquela época eles ensaiavam na casa do “barriga” que é o Adriano, e nós passávamos na rua e víamos eles ensaiando. Quando tinha aqueles shows de comícios políticos eles dançavam, e eu sempre fui apaixonado por aquilo. Eu tinha uns doze (12) treze (13) anos na época, o palco tinha uns 90 cm, e eu e meu amigo Jader ficávamos escorados no palco olhando a apresentação bem de perto. E através do *Break Dance*, que para nós era bem diferente na época, começamos a treinar os movimentos nas praças, na grama ou no chão puro mesmo, voltávamos sempre sujos para casa. Aí uma vez fomos em uma festa e lá abriram uma roda de dança, e nós entramos na roda para dançar. Foi aí que o Adriano nos viu e nos chamou para entrar no grupo de dança que ele estava montando novamente, o grupo “Pânico”, que foi até 2004, deu uma pausa, e retornou em 2005. Meu sonho era dançar e a partir daí eu não parei mais, mesmo sem o grupo “Pânico”, porque o grupo não continuou atuando. Então eu e o Jader nos inscrevemos no departamento de cultura, que antigamente era um departamento realmente de cultura, tinha de tudo naquela época, era gostoso de fazer parte. Lá tinha *Street Dance*, tinha balé, tinha artesanato, pintura em tela, teatro, tinha muita coisa que hoje não tem mais na atual Fundação Novandradinense de Cultura.

Entrevistadora: Fernando, quais são as dificuldades que você encontra para continuar produzindo no *hip-hop*?

Entrevistado: A cena *hip-hop* está muito enfraquecida em Nova Andradina, tem poucos *bboys*, poucos *MC's*, poucos grafiteiros, e está muito difícil praticar o *hip-hop*,

porque não é fácil com a falta de apoio e investimento. O *hip-hop* é a arte que mais leva o nome de Nova Andradina para fora da cidade, de forma independente. E como eu disse, antigamente a Administração Pública investia mais no departamento de cultura, ofertando diversos cursos. Hoje, além de não ter mais tantas opções na Fundação de Cultura, não dá vontade de participar porque eles não incentivam a continuar estudando aquilo, seja *Street Dance* ou algum outro exemplo. Antigamente, um domingo por mês tinha apresentação dos trabalhos que os alunos faziam no departamento de cultura, hoje não tem mais. Eu estou com 34 anos e nunca vi um professor do antigo “Requebra”, do “Pânico”, da “*Cia Storm*”, do “Se Vira no *Beat*” ou do “*Art Femin*” dando aulas de *hip-hop* em algum projeto da Fundação de Cultura. A gestão daqui é preocupada com votos, não com a população. Eles realizam o que vai trazer votos para eles, não o que a população quer consumir. Antigamente eu produzia o “Arte na Quebrada”, que é um evento em praças, cada vez fazíamos em uma praça, a população amava, mas nunca tivemos incentivo para continuar produzindo. Então falta muito investimento do governo, falta muito incentivo para os artistas daqui. A cidade precisa de arte e cultura, mas não incentivam – na maioria das vezes contratam artistas de fora para apresentarem aqui, mas não valorizam os artistas da casa.

Entrevistadora: Para finalizarmos, o que o *hip-hop* significa para você?

Entrevistado: Olha, o *hip-hop* para mim significa tudo para mim. O *hip-hop* é tudo para mim porque ele me ajudou a crescer como ser humano, a perder preconceitos, me ajudou a ser respeitado por ser dançarino do *hip-hop*. Então através do *hip-hop*, eu posso entrar em qualquer lugar sem discriminação. Sou feliz porque eu pratico *hip-hop*, faço *hip-hop*, sou *hip-hop*, o *hip-hop* é a minha vida.

4.2 – Edinaldo Junior de Oliveira Lima (*BREAK DANCE*) *BBOY*

FIGURA 4 – Edinaldo Junior Lima, em 2023.



FONTE: (EDINALDO, 2023).

Entrevistadora: Bom, eu quero que você comece falando o seu nome, sua idade, onde você nasceu e com o que você trabalha artisticamente.

Entrevistado: Bem, meu nome é Edinaldo Júnior, mas todo mundo me chama de Júnior Lima. Eu tenho 31 anos, sou natural de Nova Andradina. E artisticamente, eu trabalho com danças sociais, são danças urbanas dentro da cultura *hip-hop*.

Entrevistadora: Eu quero que você fale um pouquinho sobre qual o seu primeiro contato com o *hip-hop* e como você se inseriu no movimento.

Entrevistado: Meu primeiro contato foi através do departamento de cultura, né? Eu tinha uma ex-cunhada minha e uma amiga dela, que começou a fazer essas aulas e aí me chamaram para participar, e a partir daí foi que eu comecei a ter os primeiros contatos, mas eu não conhecia necessariamente como *hip-hop*. A gente conhecia como uma vertente do *hip-hop*, sem saber que aquilo era uma vertente, era *Street Dance* que o pessoal chamava ou dança de rua.

Entrevistadora: E para você, como artista e como produtor cultural, quais são as dificuldades que você encontra aqui no município para se manter ativo na cena?

Entrevistado: Eu vejo que é meio que uma falta de conhecimento da sociedade, né? Sobre a cultura *hip-hop* e um pouco da falta de interesse dos artistas, porque a gente precisa mostrar para quem não conhece o que é aquilo, né? As pessoas não têm obrigatoriedade de saber o que é o *hip-hop*. Mas a gente como artista, a gente tem a obrigação de passar o que é esse nome, o que é que ele envolve, porque o *hip-hop* não envolve somente um nome que as pessoas possam não conhecer ou associar com pessoas que, digamos, são marginais ou que não têm o que fazer. O *hip-hop* é bem mais do que isso.

O *hip-hop* iniciou com quatro pilares que são: o *Bboy*, o *MC*, grafiteiro e o *DJ*. Só que foi se passando o tempo e a gente criou mais um elemento que se chama “O Conhecimento”, então, é você estar buscando todo dia, você estar estudando o que é o *hip-hop*, de onde veio as suas origens. Buscar o que significa e não somente isso. Dentro do *hip-hop* você pode ter questões de como empreender, como criar a sua própria marca dentro desse estilo de vida, entendeu? Você é um empresário dentro desse estilo. Você trabalhar com criação de festivais dentro desse estilo, englobando tudo isso.

Mas eu vejo que a dificuldade em movimentar o cenário também é uma questão do próprio artista. Às vezes, a gente vem, porque assim, o *hip-hop* vem de uma cultura marginalizada. E ele vem de uma cultura onde lá no começo ele teve que bater muito para ser reconhecido. Então, às vezes, a gente aqui ainda está nessa visão de que a gente tem que bater no poder público, que a gente tem que fazer com que eles sejam obrigados, na base da pancada ou na base, sabe, de protestos que não são protestos daquela forma pacífica da gente mostrar o que somos, mas meio agressivo mesmo.

Esse ano mesmo o *hip-hop* fez cinquenta (50) anos e só agora que a gente tá conseguindo fazer com que o *hip-hop* entre no PPA (Plano Plurianual) do país, entendeu? Porque a gente começou a construir artistas que foram para dentro do governo. É exatamente essa forma do conhecimento. As pessoas começaram a estudar, não apenas estudar a nossa cultura, mas estudar como funciona a máquina

do governo⁶. E começaram a estudar, começaram a se integrar lá dentro do governo para quê? Para que elas possam abrir caminho para a gente, não na base da porrada, mas de uma forma pacífica. Fazendo protesto, sim. Mostrando sim o que é o hip-hop, mas hoje a gente consegue ser um pouco mais conhecido.

Entrevistadora: Além do ponto da falta de interesse dos artistas na cena do movimento *hip-hop* aqui na cidade, para você, falta mais alguma coisa?

Entrevistado: Eu acho que falta união da cultura, entendeu? Mais união dos quatro pilares iniciais. Porque assim, o quinto pilar, eu vejo como uma coisa individual. Você vai precisar do outro, sim, mas hoje a gente tem vários mecanismos de busca de internet para você se aprofundar no conhecimento, mas esses quatro pilares eu acho que para mim eles têm que andar em união. O grafiteiro, o *MC*, o *DJ*, e o *Bboy*. Eles têm que ter uma união, fazer um evento em união, não só fazer o evento deles e querer que os outros coleem e eles não colam no evento do amiguinho. Eu acho que a falta de união pega bastante.

Entrevistadora: E agora, aqui para finalizar, eu queria que você falasse um pouquinho sobre o que o *hip-hop* significa para você.

Entrevistado: Bem, o *hip-hop* para mim é como o meu estilo de vida. Eu gosto muito do estilo, porque o *hip-hop* tem um estilo muito grande, né? Podemos dizer que ele engloba várias culturas, várias pessoas dentro dele. E aí, para mim, quando eu comecei a crescer que eu comecei a me interessar pela dança, e então eu fui começar a dançar, fui começar a estudar mais. Até uns três e quatro anos que eu dançava eu não sabia o que era o termo *hip-hop*, e foi por meio desse quinto elemento o “conhecimento” que eu comecei a estudar, eu comecei a ver e comecei a entender que o *hip-hop* não é só uma questão de uma palavra que uniu algumas culturas. Ele é bem mais que isso. Ele é um estilo de vida. Ele é, para muitas pessoas, o sustento daquela pessoa. E para muitas pessoas, foi o que fez começar a caminhar por um caminho melhor. Aqui como é uma cidade meio do interior, é muito difícil a gente ver histórias assim, mas para a cidade grande a gente vê que o *hip-hop* salvou uma

⁶ Conforme demonstrado nesta pesquisa em relação ao Rapper MV BILL e sua relação com os governos de esquerda no país, sua relação com o governo Lula (PT). Outro nome de destaque do cenário RAP brasileiro é o Grupo periférico Racionais MC's, com especial menção ao líder do grupo Mano Brown, ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT).

pessoa do mundo das drogas, salvou uma pessoa da rua, então para mim o *hip-hop* ele é como um estilo de vida. Você aprende sobre aquela cultura e aí você começa a viver aquela cultura e você quer passar aquela cultura adiante.

4.3 – Rafael Vasconcellos da Silva (GRAFITEIRO) E BBOY

FIGURA 5 – Rafael Vasconcellos, em 2021.



FONTE: (RAFAEL, 2023).

Entrevistadora: Eu quero que você comece a se apresentar falando o seu nome, onde você nasceu e com o que você trabalha artisticamente?

Entrevistado: Meu nome é Rafael Vasconcelos da Silva. Sou natural de Nova Andradina. Eu fiz parte do grupo de dança “Requebra” que virou a “Companhia Storm de Dança”, é um grupo de dança de rua. Então eu dancei de 2007 até 2021 na Cia Storm. E agora faço parte do Se Vira no Beat -SVB, que é um grupo só de Bboys. Então assim, na parte artística eu sou mais voltado para o *hip-hop*, então eu sou da parte do *Break Dance*, do Grafite também, e eu brinco nas batalhas de rima às vezes. É que eu não estou sempre rimando, mas às vezes eu dou uma participaçãozinha.

Participo de campeonato de dança, individual ou em grupo, nas cidades de Campo Grande, Dourados, Rio Brilhante, Angélica.

Entrevistadora: E foi aqui em Nova Andradina que você teve o seu primeiro contato com o *hip-hop*?

Entrevistado: Sim, o meu primeiro contato foi quando eu vi a “Cia *Storm*”, antigo “Requebra”, dançando. Não lembro se foi em um show de comício político, mas lá eu vi o grupo dançando e achei muito “daora”, eu era adolescente na época, tinha uns treze ou quatorze anos de idade. Depois de um tempo, com a popularização do *Youtube*, eu vi alguns vídeos na internet, em 2005/2006, então comecei a ver vídeos de dança, gostei bastante e comecei a me basear nos vídeos para começar a treinar e daí eu não parei mais, continuei dançando.

Entrevistadora: E como você fez para começar a dançar no grupo de dança “Requebra”?

Entrevistado: Então, eu costumo falar que comecei sozinho, mas comecei com uns amigos meus lá do bairro que eu morava. A gente treinava na grama, no pátio do Detran (Departamento de Trânsito), aonde dava para treinar, treinávamos. Aí eles ficaram sabendo de uma audição para o grupo “Requebra”, para novos dançarinos, lá no Ginásio de Esportes. Aí dois amigos meus foram lá para tentar a vaga, eu fui só para assistir porque tinha vergonha de dança em público. Então os dois fizeram a audição, passaram, e eu comecei a acompanhar os treinos deles e a partir do terceiro treino eu comecei a fazer parte do grupo, eu fazia parte do grupo de base. Os que se destacavam no grupo de base, iam para o grupo principal. Meus amigos a partir da audição, foram direto para o grupo principal. Depois passei de uns três ensaios eu passei a fazer parte dos dois grupos. Nessa época eu era *Bboy*, dançava *Break Dance*, mas também dançava dançar urbanas. Hoje eu estou mais no *Break Dance*.

Entrevistadora: E durante o seu processo todo enquanto artista, quando você percebeu que queria ser grafiteiro também?

Entrevistado: Então, quando eu era criança, eu já tinha facilidade em desenhar, então para começar a fazer Grafite, eu já tinha uma base. Desde pequeno eu tinha facilidade em olhar um desenho e reproduzir no papel. Depois, durante uns dois ou 3 meses, eu

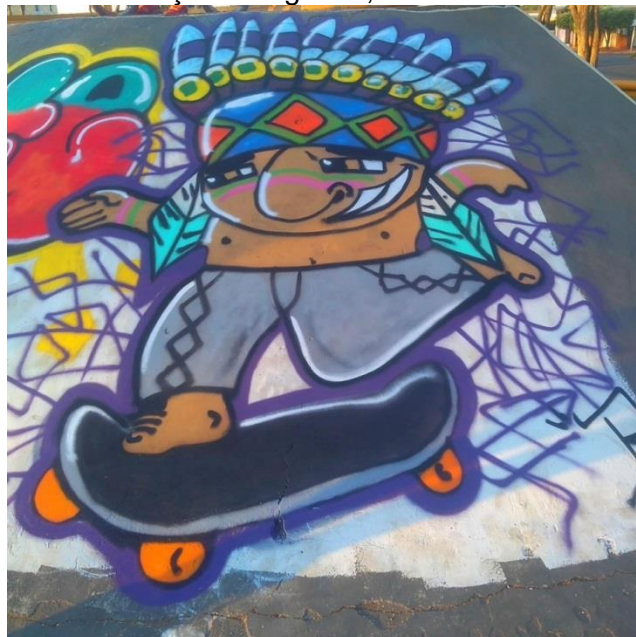
estudei pintura em tela. E eu comecei a fazer grafite mesmo, quando eu já tinha um bom tempo no *hip-hop*, em 2020. Eu vi muito vídeo, estudei bastante para fazer o primeiro grafite, que inclusive foi aqui na Praça da Fogueira.

FIGURA 6 - Grafite *Bomb* (estilo de letra garrafal) – LOCAL: pista de skate da Praça da Fogueira, Nova Andradina-MS.



FONTE: (RAFAEL, 2023).

FIGURA 7 - Grafite *Persona* (persona é a expressão artística para pessoa) – Local: pista de skate da Praça da Fogueira, Nova Andradina-MS



FONTE: (RAFAEL, 2023).

Entrevistadora: E durante todo o seu processo, você recebeu algum apoio governamental, recebeu algum investimento? Quais foram as suas dificuldades para continuar no seu processo de desenvolvimento dentro do *hip-hop*?

Entrevistado: Na dança, o apoio que tínhamos era quando fosse fazer alguma viagem, e sempre precisamos estar atrás de vereadores para conseguir esse apoio, mas muita coisa ainda saía do nosso bolso, o apoio que eles davam era bem pouco. O que nos salvou um pouco foram as leis de incentivo que vieram devido a pandemia do COVID-19, mas essas leis foram só 10% do valor que gastamos, não foi o suficiente para cobrir todas as despesas. Para sobreviver de arte aqui em Nova Andradina é quase impossível.

Entrevistadora: O que você acha que poderia ser feito por parte da administração pública para melhorar esse cenário de falta de oportunidades?

Entrevistado: Aqui em Nova Andradina eu percebi que sempre foi muito bagunçado o setor da cultura. Aqui a pasta da cultura é junto com a parte do esporte, temos uma Fundação de Cultura, mas que não funciona. Não vejo nada acontecer. Mas se tivesse uma fundação que funcionasse, que tivesse projetos como, por exemplo, uma Casa do *hip-hop*, como vejo em outros lugares, já faria diferença. Esse seria um lugar para que se você quisesse fazer um evento, poderia ser lá; se trouxesse pessoas de fora e precisasse de hospedagem, poderia ser lá; se tivessem aulas sobre o *hip-hop*, seria lá. Não precisava nem ser grande, apenas ter uma boa administração. Além de que, aqui em Nova Andradina não tem muitos eventos de *hip-hop* especificamente, precisamos estar sempre viajando, então se tivesse uma van voltada para o pessoal do *hip-hop*, ou uma ajuda de custo específica para apoiar essas viagens, já ajudaria bastante, porque pelo menos uma vez por mês precisamos viajar para competir.

Entrevistadora: Para finalizar, o que o *hip-hop* significa para você?

Entrevistado: Cara, o *hip-hop* significa para mim uma maneira de expandir a minha criatividade. Porque através do *hip-hop* eu posso desenvolver mais o meu lado artístico do Grafite, a parte literária e de dança que é o meu foco. Então hoje eu levo o *hip-hop* como um estilo de vida, antigamente quando eu comecei eu fazia mais por lazer, mas agora já levo mais a sério – não tão a sério, porque tem o serviço, a família e responsabilidades. Mas é o meu estilo de vida, minha forma de viver, pensar, e estamos aí até o corpo aguentar.

4.4 – Ana Carolina Xavier Vieira (*BREAK DANCE*) *BBGIRL*

FIGURA 8 – Ana Carolina Xavier (2022).



FONTE: (ANA CAROLINA, 2023).

Entrevistadora: Eu quero que você comece falando o seu nome, sua idade, onde você nasceu e com o que você trabalha artisticamente.

Entrevistada: Meu nome é Ana Carolina, eu tenho 25 anos, moro aqui em Nova Andradina, nasci aqui também e eu trabalho, atualmente na área da dança. Tenho me profissionalizado com o decorrer do tempo e trabalho dentro das danças urbanas e outras modalidades.

Entrevistadora: Qual foi o seu primeiro contato com o movimento?

Entrevistada: Meu primeiro contato foi em escolas. Instituições de rede pública, por meio de projetos sociais que as escolas ofereciam para a comunidade em geral.

Entrevistadora: E como você começou a trabalhar com isso?

Entrevistada: Então eu tive conhecimento através de aulas... Que eu praticava nas escolas daí eu fui buscando conhecer mais o *hip-hop*, o que ele proporcionava, o que era o *hip-hop*, o que ele trabalhava em si, entre a arte, o grafite, a cultura, a dança, o que ele abordava em si. E aí eu fui para fora [da cidade] para conhecer, ter experiências.

Entrevistadora: Para você começar a trabalhar com isso, você encontrou dificuldades?

E agora você ainda encontra essas dificuldades?

Entrevistada: Olha, no início sim. Porque a gente da cidade do interior tem muito pouco acesso... A gente, na verdade, tem que ir buscar pessoas profissionais [de fora da cidade] para ter um conhecimento. Mas no começo foi bem difícil, porque é uma questão de experiência, de troca, e isso era meio escasso no início. Hoje em dia é mais tranquilo porque a gente, o pessoal do *hip-hop* mesmo, a gente se junta, a gente troca informações, a gente troca a ideia, troca conhecimento, então acaba agregando todo o mundo e, assim, todo o mundo está se ajudando, a galera se desenvolve e as pessoas conseguem fazer mais trabalhos.

Entrevistadora: Além de você trabalhar como professora de dança, você tem o seu grupo “*Art Femini*”, que é um grupo formado por mulheres. Quando você criou seu grupo e quantos membros têm?

Entrevistada: Atualmente, o “*Art Femini*” é um grupo criado só por meninas. A gente começou em 2019. Na verdade, eu comecei como um projeto. Foi uma ideia que eu tive e falei: “cara, porque não só mina para fazer o movimento acontecer?”, porque a gente tem essa questão de a gente nunca ser muito vista dentro do *hip-hop*. Então, foi uma ideia que eu tive e aí eu fui conversando com as meninas que já dançavam que já tinham algum conhecimento.

Até meninas que ainda não tinham, que eram de outras artes, outras culturas assim Para agregar e a gente tem mãe, a gente tem criança hoje no “*Art Femini*”. A gente trabalha muito isso de troca [de ideias], de sentar, de conversar, de pautar o que a gente quer passar. Atualmente a gente em 15 meninas.

Entrevistadora: E o “*Art Femini*” tem prêmios também, né?

Entrevistada: Sim, a gente tem o prêmio do evento “O Vale das Ruas”. Foi bem interessante a gente mostrar o nosso trabalho, porque é muito difícil aqui na região a gente ter essa representatividade e o “*Art Femini*” é mais questão de visibilidade mesmo, para o lado feminino, para a gente conseguir ter esse espaço dentro do *hip-hop* e mostrar que a gente também consegue fazer, a gente consegue desenvolver, a gente estuda. E apesar do corre do dia-a-dia de todo o mundo, a gente consegue se desenvolver, e a gente ganha prêmios de fora. A gente vai para evento para fora [da

cidade], já ganhamos várias vezes, com [apresentações de] solo ou com dupla, então [...] gratificante.

Entrevistadora: E agora para finalizarmos, o que o movimento *hip-hop* significa para você?

Entrevistada: Cara, eu sempre falo que o *hip-hop* é uma casa de acolhimento, sabe, é onde não tem classe social. A gente não tem distinção de cor, de pele, de gênero, sabe? A gente é uma família mesmo, sabe? É isso que o *hip-hop* me proporciona. A gente vai para evento, é uma troca, todo mundo se conhece. Quem a gente não conhece, mostra o trampo que sabe fazer e a gente faz essa troca de trabalho e assim, vai fluindo e a gente vai criando experiência, vai conhecendo pessoas incríveis que trabalham dentro da arte e a gente vai aprendendo muito com isso. Então o *hip-hop* é essa nossa liberdade de expressão, sabe? Tanto corporal como a questão de conhecimento da gente estar estudando, estar buscando pessoas dentro da cena, para estar agregando com a gente também para construir um espaço legal para todo mundo.

4.5 - Kaique Moura da Silva (MC – RAP)

FIGURA 9 – Kaique Moura (2023).



FONTE (KAIQUE, 2023)

Entrevistadora: Eu quero que você comece a entrevista falando seu nome, a sua idade, onde você nasceu e com o que você trabalha, artisticamente.

Entrevistado: Meu nome é Kaique Moura da Silva, mais conhecido como Challa. Eu tenho 21 anos e eu sou *MC*, músico, poeta, rapper e tudo isso daí que você quiser falar.

Entrevistadora: Nova-Andradinense?

Entrevistado: Não, eu sou paulista, nasci em São Paulo. Eu vim para cá com treze (13) anos de idade, porque a minha mãe decidiu se mudar pra cá, sair da “muvuca” da cidade grande e decidiu vir para cidade, que é uma cidade mais calma, mais tranquila e aí eu vim junto.

Entrevistadora: E foi lá que você teve seu primeiro contato com o movimento *hip-hop* ou foi aqui?

Entrevistado: Foi lá, lá eu tive a oportunidade de estudar na escola, que era muito, muito ligada à cultura, muito ligada à música. Eles tinham diversos e diversos projetos dentro da própria escola, tanto para trazer os alunos para mais perto da escola quanto para ajudar o bairro, né, que era periférico. Ajudar as crianças a saírem daquele ambiente turbulento e violento e com esses projetos eu acabei tendo contato muito cedo com a música.

Entrevistadora: Seu primeiro contato já foi com o *RAP*?

Entrevistado: Foi com a música e com o *RAP*, porque pelo bairro que eu morava, né? Especificamente pelo lugar, você acaba tendo bastante contato com essa música mais periférica, né? O *funk*, o *RAP* e por aí vai.

Entrevistadora: O seu contato foi através de uma batalha de rima, foi através de um show? Como foi?

Entrevistado: O pior é que com batalha de rima eu fui ter contato muito, muito depois. Ainda naquela época, a batalha de rima era um pouco menor, não era tão estourado como é hoje, entendeu? Então acaba que o primeiro contato que você tem é das músicas que você escuta na casa do seu vizinho, as músicas que seus pais te mostram, minha mãe e meu pai também gostavam muito. Do gênero *hip-hop*: “Racionais *MC's*”, “*RZO*”, essas músicas mais antigas e foi assim o primeiro contato, daí.

Entrevistadora: E quando foi que você descobriu que queria começar a rimar?

Entrevistado: Eu vi que eu queria rimar quando eu vi que eu gostava muito de fazer música, eu gostava muito de me expressar através da música e o *RAP* em si, a rima foi a forma mais fácil que eu achei de me expressar. É da forma que eu sabia que eu ia conseguir impactar as pessoas, porque eu não tinha muito talento para cantar, não sabia cantar muito bem, não tinha muita voz e também por ser uma coisa que eu já estava acostumado a ouvir. Já estava acostumado a viver, a ver ali, então acabou que fez eu me afundar mais ainda. Na questão de escutar *RAP* e praticar.

Entrevistadora: Antes disso, você já tinha o costume de escrever?

Entrevistado: Já, eu já tinha o costume de escrever. Eu sempre gostei de escrever poesia, desde pequenininho, até depois, quando eu fiquei mais velho e foi desde sempre. O *RAP* veio para ajudar a transformar aquilo que eu já escrevia em alguma coisa.

Entrevistadora: E atualmente você produz músicas?

Entrevistado: Atualmente eu tenho um grupo, um selo, uma gravadora, que a gente fez com meus amigos mesmo, meninos que vinham na “Batalha das Águas” e graças a Deus a gente está conseguindo. A gente mesmo faz as nossas músicas. A gente mesmo produz, a gente mesmo que manda para as plataformas e assim vai.

Entrevistadora: Pelas entrevistas que a gente fez aqui, muitas pessoas que começaram a produzir beats ou fazer música, ou começaram a dançar, foi mais por interesse próprio e investimento próprio também. Então, dentro desse contexto que você se insere na produção musical, quais são as dificuldades que você encontra para se manter produzindo?

Entrevistado: É muito complicado. Primeiro porque acho que a cidade é muito pequena e o Estado que a gente mora [Mato Grosso do Sul], o nosso Estado em si, ele não tem o *hip-hop* e o *RAP* como cultura, então acaba sendo um pouco mais difícil para você conseguir encontrar formas de produzir, produtores, até você poder ser um, ter um computador e um aplicativo para produzir, mas você pode não ter o “cagete” de produtor, entendeu? Você pode até ter o equipamento, mas não tem um cara te dando um toque: “ó faz assim, faz assim”. E eu acho que com o crescimento que a cidade teve nos últimos anos em questão à cultura, eu acho que isso melhorou bastante. Hoje a gente tem opção de vários produtores aí na cidade e facilita um pouco, mas isso é complicado até hoje, mas já foi muito mais complicado. Então da forma que está agora, não dá nem para reclamar muito.

Entrevistadora: Além de você fazer parte de uma gravadora, você também faz parte de alguma *crew* da cidade?

Entrevistado: A *crew* da própria gravadora: a *Mamble Label*.

Entrevistadora: E você pode falar um pouquinho das *crews* que você conhece aqui na cidade?

Entrevistado: Cara, tem a os meninos do SVB – Se Vira no *Beat* –, que são *Bboys*. Eles representam a cidade em vários campeonatos de dança que tem pelo Estado, super bem. São uns garotos super dedicados. Dia de semana eles estão aí na praça dançando e treinando, para sempre desempenhar o melhor deles. Tem uns meninos que eram da antiga NPE –“Nois é Parça ou Não É”? Que eu não sei se ainda existe, mas que foi uma *crew* que é importante a gente lembrar, porque ajudou muito no começo da “Batalha das Águas”, trouxe muitos *MC’s* para ter esse contato com a Batalha, né? E a Batalha em si foi uma coisa que alavancou muito o hip-hop da cidade, então acho que é muito importante citar eles e eu acho que é isso, que me vem na cabeça agora de *crew* de *hip-hop*. Não sei se de vez em quando aparece uma ou outra, mas aí os meninos desanimam. Acho que em função também da pandemia e, como a pandemia acarretou nas batalhas, tendo um fluxo um pouco menor, mas eu acho que tem tudo para melhorar daqui para algum tempo.

Entrevistadora: Com o que você conhece da cena, do cenário do movimento *hip-hop* em Nova Andradina, quais são as suas considerações? Você acha que falta união? Você acha que tem um movimento *hip-hop* em Nova Andradina ou você acha que esse movimento está só se iniciando? Ainda está engatinhando.

Entrevistado: Eu acho que, cara, eu vejo literalmente como a Marvel fazendo o seu universo compartilhado ali, sabe, cara, tipo tem um monte de grupos fortes, separados, mas fortes. Tem os meninos que são muito fortes na dança. A gente tem muita influência no *trap* do Estado⁷, em questão de batalha de rima. Aí tem um garoto que não está em nenhuma *crew*, mas que produz muito bem, entende? Tem outros produtores, tem outros meninos fazendo outras coisas separadas, mas eu acredito que todos façam muito bem, que a cidade em si tem muito talento quando o assunto é *hip-hop*, mas eu acho que por também ser uma coisa muito nova, muito atual e uma coisa que é diferente na cidade, acaba que quando você ganha algum destaque em alguma coisa, você ganha algum foco. Quero dizer, pela cidade ser pequena, vai muito

⁷ O *trap* é uma vertente bem nova do rap, que agora tá ganhando bastante espaço e visibilidade. A diferença do rap para o *trap* é que o *trap* é mais ostentação, vezes com bastante autotune, e as batidas possuem menos graves do que geralmente são as batidas do rap. Autotune são aqueles efeitos computadorizados nas vozes das pessoas que afinam, ou engrossam mais. Que auxiliam a mascarar a falta de afinação, às vezes, alguns acham que tornam o som mais “audível”. (Definição da autora).

foco em você, vai muita luz em você, e acaba que a gente mesmo, eu falo por mim, falo porque eu sei que isso acontece.

A gente mesmo acaba não conseguindo lidar com isso e aí você não sabe até quando você está indo, tipo, por amor mesmo ao movimento, até onde você está indo só pelo seu ego, onde você está indo só pela sua ambição e isso em cada pessoa é complicado, porque cada pessoa reage de uma forma. E eu acho que assim, não tem nenhum problema [entre os *hip-hoppers* nova-andradinenses], não tem nenhuma treta quando precisa ser o hip-hop de Nova Andradina. Está todo mundo junto, gritando igual, mas poderia sim, ser muito mais unido e eu acho que não é por causa disso, mas também em função de ser uma coisa muito recente.⁸

Entrevistadora: Agora, para finalizarmos, eu queria que você falasse um pouquinho sobre o que o movimento *hip-hop* significa na sua vida.

Entrevistado: Hoje eu posso falar que ele [o *hip-hop*] é um retrato da minha vida e de tudo o que eu vivencio, de tudo que eu vivenciei, porque até o que não era um retrato do *hip-hop* na minha vida, acabou se tornando depois que eu tive contato com o *hip-hop*, que eu fiz se tornar hip-hop. Então, eu acho que isso é muito importante e tem que colocar muito em pauta. O quanto o *hip-hop* em si, que é uma cultura tão criminalizada em diversos lugares do nosso país, principalmente no nosso Estado e na nossa cidade. Acaba sendo uma chave para mudar a vida de jovens, tanto a minha quanto a dos meus amigos, quanto a de muita gente que conhecemos e isso é importante. Hoje a gente pode ouvir que o *hip-hop* é a vida de alguém, entendeu? E isso não é mais tão criminalizado como já foi há um tempo, graças a muitos caras que tomaram muita pancada. A gente também tem que ser muito grato. É muito gratificante poder falar isso e eu acho que quanto mais a gente jogar isso em pauta e entender o quanto o *hip-hop* tem a oferecer para alguém, melhor vai ser a vida das pessoas.

⁸ Nessa parte ele quis dizer que os meninos MC's daqui produzem músicas que influenciam todo Estado de MS, porque Nova Andradina é vista como um dos polos do hip hop desse Estado.

4.6 – Cristiano Alex da Silva (DJ)

FIGURA 10 – Cristiano Alex (2022).



FONTE: (CRISTIANO, 2023).

Entrevistadora: Eu queria que você começasse o vídeo falando o seu nome, sua idade, onde você nasceu e com o que você trabalha artisticamente.

Entrevistado: Meu nome é Cristiano Alex da Silva. Nasci aqui mesmo em Nova Andradina, tenho 29 anos. Eu trabalho artisticamente com audiovisual. Sou produtor audiovisual do Projeto Audiovisual Gema, e faço corre no *hip-hop* como *DJ*. Já fui produtor cultural nas batalhas de *MC's*, eu organizava as batalhas. E produtor musical também, de beat e música eletrônica, parte voltada mais para o eletrônico não orgânico. Que é com instrumentos e é isso.

Entrevistadora: Eu queria saber como você teve seu primeiro contato com o *hip-hop* e como você fez para entrar no movimento, começar a desempenhar a arte de *DJ*.

Entrevistado: É [...] com o *hip-hop*, foi mais ou menos em meados de 2012, a gente tinha uma banda de reggae, já tocava alguns *RAP* comercial na época, uns "Cone Crew Diretoria". Aí nós fomos chamados para ir para Dourados, para tocar lá em um campeonato de *skate*. Organizado pelo Bruno, que tinha um *skate shopping* que chamava "Do Corre" na época. Lá foi o primeiro contato, que teve o "rolê" à noite.

Depois do campeonato. E foi a primeira vez que houve uma Batalha de *MC's*, tá ligado? Aí a gente viu a batalha e falou: “mano, que bagulho louco”. É que a gente viu todos os elementos naquele dia, né? À tarde, o grafite. Batalha de *MC's* à noite, não teve *Bboy* nem *DJ* foi mais banda, mas já foram dois elementos que a gente viu na época, aí eu falei: “caralho, mano, esse bagulho é da hora quando tá todos os elementos”, porque não tinha acesso aqui em Nova Andradina. O *hip-hop* mesmo só tinha a galera da dança que é a “*Cia Storm*”, que era o “*Requebra*”, na época.

Só que não era o *hip-hop* e os elementos. Era mais a parte de *Street Dance* e a parte da dança mesmo. Aí nós falamos: “mano, que bagulho louco”, e nós já voltamos rimando de lá, tá ligado? Tinha até o parceiro nosso, o “*Coveiro*”, estava chapado, começou a rimar lá e entrou no meio das batalhas. Eu falei: “ó lá, até o *Coveiro* rimando essa porra e nós não?”. O *coveiro* é do *rock*, tá ligado? Aí nós começamos a rimar.

Depois disso, nós tentamos “carpir o mato aqui”⁹. Trazer o *hip-hop* para a cidade, a parte do *RAP* das batalhas de rima, mas demorou para caramba até engrenar. Um ano depois, mais ou menos, em 2013, nessa época assim, a gente conheceu o “*Shina*” e a gente resolveu fazer um grupo de *RAP*. Aí a gente criou o “*Cartola MC's*” para começar a movimentar, que foi o primeiro grupo de *RAP* aqui da cidade. Aí a gente começou a movimentar a cena.

Entrevistadora: Quando você começou a ter suas primeiras tentativas em produzir um *beat*? Foi durante a sua participação no *Cartola MC's*?

Entrevistado: Meu primeiro interesse em produzir beats foi porque eu queria ser *MC*. Não tinha quem gravava na época, não tinha acesso. Aí eu falei: "o que tem que fazer Para começar a cantar *RAP*?" Fazer minha própria música? Porque na época, com a banda era embaçado. Você juntar uma galera toda, produzir o som, não tinha estúdio, não tinha nada. Eu falei: "mano, é o *hip-hop*, eu mesmo posso fazer tudo, Faço a batida, faço a letra".

Aí eu falei: "mano, vou começar a pesquisar", então comecei a pesquisar. Eu falei, mano, tem uma parada que chama *Home Studio*. E o equipamento que tenho que comprar é placa de áudio, teclado de mídia, um computador. Aí comecei a

⁹ Não é termo do *hip-hop*, é aquela expressão de dar início a algo bruto. Quando ele começou a ser *MC*, não tinha nenhum *MC*, então aqui era só mato. Ele começou a carpir/cortar o mato e abrir espaço para produções do *hip-hop*. (a autora).

“trampar”, e comecei a fazer o corre. De “trampar” para comprar os equipamentos pra eu cantar.

Eu comecei a produzir, só que tinha mais um monte de coisa, mano, não era só fazer um som para sair bom. Aí tinha mixagem, masterização [...] Isso mais ou menos na época, 2013 ali. O Shina (apelido para o nome Shinigami) já fazia uns *beats* em casa, tá ligado? Também já estava mais ou menos na mesma pegada. Aí a gente começou a gravar para o “Cartola MC’s” mais ou menos nessa época, 2014/2015, que aí comecei a produzir *beats* e também a fazer a parte de pós-produção ou de áudio que é mixagem, masterização, para o som sair minimamente audível. Foi mais ou menos nessa época, 2014, 2015.

Entrevistadora: Para você continuar produzindo, para você ter esse início que você acabou de compartilhar, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou?

Entrevistado: Cara, dificuldade para produzir até que não teve tanta, porque na época já estava bem difundido o material na internet. Já não era uma época mais *old school*, já tinha bastante material na internet para você pesquisar em 2012. Você pesquisava o que você queria, já aparecia. A maior dificuldade mesmo foi questão de equipamento. Recurso para poder produzir. Falta de grana para fazer a parada que é até hoje. A gente sofre com isso, que é porque não é só a música em si. Tem todo um *business* por trás da música. Aí eu tinha que aprender a fazer videoclipe, arte, passar um “trampo” minimamente bem. Porque se você só solta a música de qualquer jeito, às vezes, nem chama atenção da pessoa para ouvir.

Entrevistadora: Seguindo a entrevista para uma próxima pergunta, quais são as suas considerações sobre a cena do movimento de *hip-hop* aqui em Nova Andradina? O que você pensa sobre o cenário, se falta alguma coisa, ou se de fato tem um cenário do movimento *hip-hop* em Nova Andradina.

Entrevistado: Cara, mais ou menos, falta um pouco para ter uma cena. Não tem um movimento sólido. Tem algumas experiências de *hip-hop* que é a galera do *Bboy* e os *MC’s*. Não tem, é... *DJs* e grafiteiros, tá ligado?

Entrevistadora: Uma classe organizada?

Entrevistado: É, uma classe organizada e pessoas também que querem fazer parte dessa parada como *DJ* e grafiteiro. Porque eu sou *DJ* meio que por quebra-galho, para ter alguém para soltar as paradas, porque lá na época do “Cartola *MC’s*”, quando a gente começou a produzir, faltava o *DJ*. Então eu falei: “é, não tem quem quer ser *DJ*, eu vou comprar essa porra e aprender”, tá ligado? E aí eu comecei a ser *DJ*, nessas eu parei de cantar. Eu pensei, pô, esse bagulho de produzir e tocar é legal para caralho, mas também fica muita coisa, né, para você fazer. E quem faz muito também não faz nada. Aí me dediquei apenas à parte de produção. E Nova Andradina ainda faltam mais esses elementos, assim específicos. A cena teve uma ascensão bastante grande com a “Batalha das Águas”. Na época em que eu estava organizando, ano de 2018 e 2019.

Teve uma cena bem efervescente, de *hip-hop*, de eventos relacionados. Na época da “Batalha das Águas”, consegui mandar *MC* para o “*Better and The Cypher*”, coloquei Nova Andradina no mapa da cidade no “Duelo Nacional de *MC’s*”, Foi a primeira vez que consegui mandar um *MC* para as eliminatórias do duelo nacional. Aí depois veio a pandemia. Aí minguiu a cena. Cada um foi para um lado, após a pandemia eu não tive pique, tipo, de fazer tudo de novo, porque na época que estava caminhando estava legal, pô, daí veio a pandemia e quebrou. Aí eu já falei: “putz, mano, ter esse gás de novo...”. Porque Nova Andradina sempre é assim. Na hora que o bagulho está efervescendo, está ficando bom, aparece uma parada, acaba com tudo, aí volta para a estaca zero. Aí você ter o gás tudo de novo para engatar a engrenagem e andar, é foda né, mano? Mas assim, está no caminho, né, tem bastante *MC* na cidade.

Os moleques estão fazendo um movimento legal aí. Tem outras organizações das batalhas, né? Tem o “*Valhalla Battle*”, que está na praça Brasil agora. Eu só acho que precisa mais de, como eu posso falar? Tem que ter frequência, tipo assim, a batalha ou o movimento precisa ser pontual. Ser toda vez aquele mesmo lugar, aquele mesmo horário toda vez, para criar um ritmo. Aquele mesmo dia para ficar marcado no registro da cidade. O que eu vejo muito, um problema que dos moleques que organizam batalha, é ficar mudando. Uma hora é domingo, outra hora é sexta, outra hora é sábado, aí não cria uma frequência para fazer girar a engrenagem do *hip-hop*. Mas tem uma ceninha que está crescendo cada vez mais, mas devagar. Ainda mais para a gente que é do interior, o corre é dobrado. Além de “carpir o mato”, tem que fazer a cena acontecer. E a dificuldade é dobrada, porque falta recurso, falta grana

também, às vezes, para um som, para incentivar a galera a continuar produzindo. Porque fazer a parada de graça também, às vezes, é até embaçado. Porque o cara pensa que não tem nenhuma possibilidade de fazer um “dinheirinho” com isso, aí tem que arrumar um “trampo”, aí o trampo já dificulta você colar na cena, porque está “trampando”. Então esse é um dos problemas, mas tem uma ceninha aqui que se solidificou nesses últimos anos.

Entrevistadora: Só para gente encerrar, eu queria que você falasse o que o movimento *hip-hop* significa para você, mediante todas as suas experiências e contato com o *hip-hop*?

Entrevistado: Cara, deixa eu pensar.... Eu não sei se significa muita coisa. Às vezes, a gente romantiza tanto a parada. É até um pouco difícil falar essa parada, porque não foi o *hip-hop* que me incentivou a estar nesse lugar onde eu estou, do *hip-hop*. Eu acho que o *skate* me levou para essa parada, não o *hip-hop*. É uma cultura de rua, e através do *skate* eu conheci o *hip-hop*, o audiovisual. Dentro do *skate* tem música, arquitetura, tem tudo essa parada que a gente tenta colocar hoje em nossos trabalhos. É tipo, o que eu acho que significa é que ele muda a nossa realidade. Faz a gente enxergar o mundo com uma visão diferente, porque, às vezes, a gente não tem uma expectativa de vida nenhuma e a gente encontra no meio *hip-hop* uma forma de continuar caminhando, “tá” ligado? Vivendo. Porque ainda mais vivendo nessa sociedade que a gente vive, capitalista, fodida, que é só dinheiro. E para a gente que é artista, o sofrimento é duas vezes mais dobrado. Porque você não tem dinheiro para nada, não tem o que fazer, não tem dinheiro para nada, não tem, às vezes, motivo para viver. E o *hip-hop* traz esse brilho na vida. A música, essas paradas que estão relacionadas ao *hip-hop*. Você pensa que não tem nada, mas a gente tem o *hip-hop*. E ele segue salvando nossas vidas aí no decorrer do tempo.

4.7 – Márcio Henrique Oliveira Cavalcante (MC – RAP e DJ)

FIGURA 11 – Márcio Henrique (2017).



FONTE: (MÁRCIO, 2023).

Entrevistadora: Eu quero que você comece essa entrevista falando o seu nome, a sua idade, onde você nasceu e com o que trabalha artisticamente.

Entrevistado: Meu nome é Márcio Henrique Oliveira Cavalcante. Tenho 27 anos, sou conhecido como *Shinigami* ou *Satsui*. Nasci em Nova Andradina e eu sou *MC* e *beatmaker*.

Entrevistadora: Como foi o seu primeiro contato com o movimento *hip-hop*?

Entrevistado: O primeiro contato com o *hip-hop*, na verdade, foi na dança com o pessoal da “*Cia Storm*”. E depois de um encontro de *hip-hop* em Dourados-MS, eu conheci a batalha de rima e a partir daí, comecei a seguir na música, no *hip-hop*, a partir do ano de 2012, por aí.

Entrevistadora: E como você começou? Como você conheceu a *Cia Storm* e começou a dançar?

Entrevistado: Na verdade, eu já tinha uma vontade disso, de ser *Bboy* há muito tempo, desde criança eu achava muito legal os movimentos, a arte mesmo, de *Bboy*, da dança em si, do *hip-hop*. Aí conversando com uns amigos, certo dia, chegou um

colega chamado Maninho, que ele é dançarino, é coreógrafo mesmo. Ele chegou em mim na pista lá da Praça da Fogueira e perguntou se eu não tinha interesse, aí eu falei que tinha. Então ele me chamou para participar do grupo e assim foi indo.

Entrevistadora: Como e o que te chamou atenção na batalha de rima em Dourados-MS?

Entrevistado: Primeiramente, eu nunca tinha visto uma batalha de rima e eu fiquei encantado com como as pessoas brincavam com as palavras, no ritmo e sempre rimando. Então aquilo ali para mim foi o “boom”. Ali eu falei: “nossa, é isso aí que eu quero”. Apesar de ter sido muito ruim na época, eu era horrível rimando, mas era isso mesmo que eu quero e eu decidi tentar, mas eu ainda sou ruim nas batalhas até hoje.

Entrevistadora: Você também escreve música?

Entrevistado: Sim, particularmente, eu prefiro escrever e produzir. Batalhar não é o meu foco, aliás, nunca foi tanto. Só quis aprender um pouco.

Entrevistadora: Você escreve mais sobre o quê?

Entrevistado: Depende muito, eu vou muito pelo sentimento. Se eu quiser produzir um *boombap*¹⁰ pesado, escrever um *RAP* pesado, eu vou escrever. Gosto também dos *love songs*, mas o que eu “sentir na telha”, eu faço. Não me prendo muito a uma vertente.

Entrevistadora: E quando você teve o contato com a batalha em Dourados-MS, você consegue se lembrar de como estava a cena aqui? Em Nova Andradina tinha batalha de rima em 2012?

Entrevistado: Na verdade não existia batalha aqui. Se existiam *MC's*, moravam nas cavernas, porque até então eu nem sabia. Aí depois de um tempo praticando, indo atrás, conheci o Cristiano, o Bruno, e decidimos fazer uma batalha de rima. A gente mesmo na Praça das Águas, fizemos o “Domingo de Rima”, em 2016.

¹⁰ *Boombap* é uma vertente do rap, assim como o trap, mas o *boombap* é uma das primeiras vertentes, é um estilo mais clássico, com os graves mais presentes. *Love songs* são *raps* românticos, de amor. (a autora).

Entrevistadora: E aí você teve interesse em ser *MC*, começar a produzir e você precisou iniciar de forma independente?

Entrevistado: É, foi exatamente isso. Eu comecei a brincar com rima e tal, até saí da “*Cia Storm*” na época e fiquei por conta mesmo, tentando escrever. Mas eu já sabia que na época, mesmo com pouca informação, com a cultura de *RAP* fraco na cidade, eu já tinha noção que eu não podia usar beat de internet, então eu corri atrás de aprender para produzir os meus e aí fazia minhas músicas. Aprendi na raça mesmo. Não tinha tutorial em português, era tudo em inglês, e foi na prática. Tudo na internet mesmo.

Entrevistadora: Mediante tudo isso, qual foi a sua maior dificuldade?

Entrevistado: Foram várias dificuldades, cara. Têm muitas dificuldades de tipo, você vê que você não está bom o suficiente na letra, não está bom o suficiente na sua produção, então minha maior dificuldade era ter um som que eu falasse: “pô, esse som eu gostei”. Acho que é essa a dificuldade, e eu até hoje tenho dificuldade de completar um som inteiro sozinho, sabe? Sou meio preguiçoso para isso, mas quando eu sinto vontade, eu vou até o fim mesmo.

Entrevistadora: E fala para mim, o que você acha da cena do movimento *hip-hop* aqui em Nova Andradina? Você acha que é unido? Você acha que tem realmente um movimento *hip-hop* aqui?

Entrevistado: Olha, eu particularmente, tenho contato com todo mundo do *hip-hop* e do *RAP*. Ninguém tem problema comigo, eu não tenho problema com ninguém. Eu sinto que da parte de uns e de outros não tem uma união tão grande, mas da minha parte a união é com todo mundo. É *hip-hop*, é família.

Entrevistadora: Então, para você, você consegue enxergar os quatro elementos do movimento *hip-hop* aqui na cidade?

Entrevistado: Sim, consigo.

Entrevistadora: E para você, o que significa o movimento *hip-hop* na sua vida?

Entrevistado: O movimento *hip-hop* foi o que mudou minha vida, na verdade. Eu senti que no *hip-hop* eu mudei a pessoa eu era. Eu me tornei uma pessoa mais preocupada em fazer a diferença. E estou aí na busca até hoje.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo minha pesquisa evidenciando o processo do movimento *hip-hop* em Nova Andradina-MS, cidade do interior de um Estado musicalmente predominantemente sertanejo. E nota-se que o *hip-hop* nasceu no lugar que é tão comum para si: na periferia. E se desenvolveu também de forma comum para si: com persistência mesmo sem apoio ou incentivo.

O processo histórico aqui narrado pesquisa ressalta não apenas a progressão da cultura *hip-hop* em Nova Andradina, mas também as adversidades enfrentadas e as perspectivas para o desenvolvimento dessa cultura. A ausência de respaldo governamental e a necessidade de mobilização da comunidade emergem como elementos cruciais que merecem atenção e ação para garantir o crescimento contínuo do cenário *hip-hop* na região. Mas também seu desenvolvimento e as vitórias conquistadas pelo grupo que se dedica a fazer essa arte no interior de um Estado predominantemente agrário e de cultura de matriz musical sertaneja.

A instituição nacional do *hip-hop* foi estabelecida pelo Decreto Nº 11.784, de 20 de novembro de 2023, em comemoração aos 50 anos do *hip-hop*, o qual dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para ações de valorização e fomento desta cultura, portanto, é o momento para que se olhe para o *hip-hop* com seriedade. O *hip-hop* é o futuro de muitos jovens que se veem representados por seus elementos, principalmente pela liberdade de expressão que a cultura de rua proporciona, portanto, também deve ser encarado como tal, como políticas públicas que necessitam de incentivo e que têm demanda.

É muito significativo desenvolver essa pesquisa no ano em que o *hip-hop* completa 50 anos no mundo, mediante tanta luta por parte de quem ama essa cultura. Ser cultura marginalizada, produzida por pessoas ditas marginais, não justifica o preterimento da cultura de rua mediante as demais culturas no Brasil. O *hip-hop* é arte, e quanto mais espaços negados, mais a ocupação segue adiante.

6. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Camila. GOG: o hip-hop é de esquerda. **Opera Mundi**, Madri, 02 de maio de 2022. Disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/74292/gog-o-Hip-hop-e-de-esquerda> >. Acesso em 21 nov. 2023.

ALVES, Maria Cristina, S, O. **A importância da História Oral como metodologia de pesquisa**. In: IV Semana de História do Pontal – III Encontro de Ensino de História: Política, Gênero e Mídia na pesquisa e no ensino de História, 2016, Ituiutaba. Anais da IV Semana de História de Pontal. Ituiutaba, 2016, p. 1-8.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. DA. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, n. 2, p. 61-69, fev. 1992. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007> >. Acesso em 30 nov. 2023.

ARAÚJO, Alex Sandro Ferreira de. **As comitivas como parte da tradição boiadeira de Batayporã-MS**. (Orientador: Eduardo Martins. Trabalho de Conclusão de Curso em História (UFMS-CPNA), Nova Andradina, 2022.

BORGES, Larissa Roberta Castro. **A música no ensino de história: o RAP como uma voz do antirracismo**. (Orientadora: Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski). Trabalho de Conclusão de Curso em História (UFMS-CPNA), Nova Andradina, 2023.

BRASIL. Decreto nº 11.784, de 20 de novembro de 2023. Dispõe sobre as diretrizes nacionais para as ações de valorização e fomento da cultura hip-hop. Brasília, DF: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, n. 220, p. 4, 2023. Seção 1.

DONNER, Sandra, C. **História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil**. In: XI Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio, 2012, Rio Grande. Anais do XI Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio. Porto Alegre, 2012. v. 1. p. 223-233.

FERREIRA, Rogério. **Riscando Fósforo: Decolonialidade e Hip-hop na produção artística de Djonga**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, p. 185. 2021.

GOMES, Acácio. **Jovens grafiteiros colorem os espaços urbanos de Nova Andradina**. Nova News, 2023. Disponível em < <https://www.novanews.com.br/noticias/cidades/jovens-grafiteiros-colorem-os-espacos-urbanos-de-nova-andradina> >. Acesso em 30 nov. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

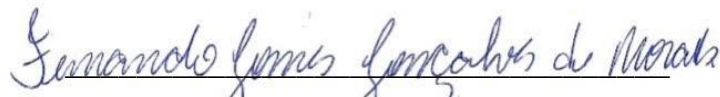
LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip-hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 19, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-

ANEXO 1 - CARTAS DE CESSÃO**CARTA DE CESSÃO**

Nova Andradina, 27 de agosto de 2023

Eu, Fernando Gomes Gonçalves de Moraes, solteiro, *.638.*** SEJUSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 27 de agosto de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

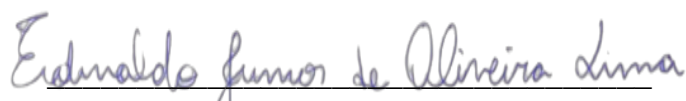

Fernando Gomes Gonçalves de Moraes

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 27 de agosto de 2023

Eu, Eidinaldo Junior de Oliveira Lima, solteiro, *.771.*** SSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 27 de agosto de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

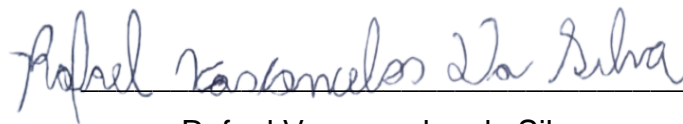

Eidinaldo Junior de Oliveira Lima

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 27 de agosto de 2023

Eu, Rafael Vasconcelos da Silva, solteiro, *.767.*** SEJUSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 27 de agosto de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Rafael Vasconcelos da Silva

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 10 de setembro de 2023

Eu, Ana Caroline Xavier Vieira, solteira, *.161.*** SSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 10 de setembro de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



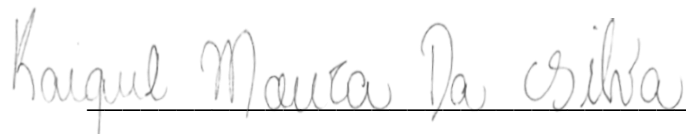
Ana Caroline Xavier Vieira

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 10 de setembro de 2023

Eu, Kaique Moura da Silva, solteiro, **.959.***-X SSP/SP, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 10 de setembro de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



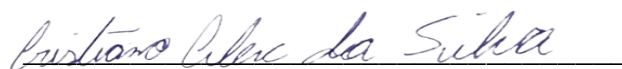
Kaique Moura da Silva

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 10 de setembro de 2023

Eu, Cristiano Alex da Silva, solteiro, *.996.*** SEJUSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 10 de setembro de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



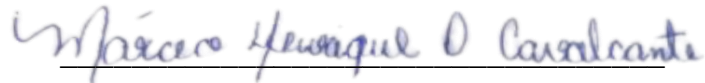
Cristiano Alex da Silva

CARTA DE CESSÃO

Nova Andradina, 10 de setembro de 2023

Eu, Márcio Henrique Oliveira Cavalcante, solteiro, *.123.*** SEJUSP/MS, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 10 de setembro de 2023 para Nayara Queiroz Machado da Silva, *.679.*** SEJUSP/MS, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Márcio Henrique Oliveira Cavalcante